CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JOSÉ ROMILSON SILVA NUNES

LIBRAS: um projeto para o Ensino Fundamental de nove anos

Itaituba – PA
2018

JOSÉ ROMILSON SILVA NUNES

LIBRAS: um projeto para o Ensino Fundamental de nove anos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Itaituba para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Prof.ª. Esp. Maria Danielle Lobato Paes.

Itaituba – PA

2018

JOSÉ ROMILSON SILVA NUNES

LIBRAS: um projeto para o Ensino Fundamental de nove anos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Itaituba para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Prof.ª. Esp. Maria Danielle Lobato Paes.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____nota _____

Prof.ª Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista

Orientadora: _____Nota_____

Prof.ª Maria Danielle Lobato Paes, Especialista

Avaliadora: _____nota _____

Prof.ª Veronica Gomes Moreno, Especialista

Resultado: _____ Nota_____

Data: 02 de fevereiro de 2018

A Deus pela proteção e por me manter confiante em todo esse percurso. A minha esposa, meu filho e minha mãe que me apoiaram sem medirem esforços. Dedico-lhes essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela proteção e pela força para superar todos os obstáculos e dificuldades que tenho enfrentado em todo decorrer do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Agradeço a minha esposa que tem me apoiado, me incentivando cada dia a continuar estudando, pois muitas vezes me veio o pensamento de desistir devido à dificuldade financeira e outros desafios. Além do apoio, minha esposa tem contribuído grandemente sempre procurando alguma maneira de me ajudar.

Agradeço a minha mãe que me ajudou no decorrer desses quatro anos me acolhendo em sua casa nos períodos de estudo, além de muitas vezes contribuir financeiramente e acima de tudo agradeço por suas orações.

Sou grato ao meu pai e meu irmão que não mediram esforços em me ajudar no transporte, pois confesso que se não fosse pela ajuda dos mesmos não haveria possibilidade de eu chegar até a instituição de ensino.

Agradeço a meus amigos e colegas de classe que me ajudaram incentivando-me a prosseguir sempre me apoiando e contribuindo de varias formas para o meu crescimento.

Agradeço a Instituição FAI pela oportunidade que tive de cursar licenciatura plena em Letras, por todos os professores que ministraram aula contribuindo de maneira direta para o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Coragem... pequeno soldado do imenso exército. Os teus livros são as tuas armas, a tua classe é a tua esquadra, o campo de batalha é a terra inteira, e a vitória é a civilização humana.

"Edmondo de Amicis"

RESUMO

O presente trabalho teve como objeto de estudo a LIBRAS como projeto para o ensino fundamental de nove anos, com o intuito de incentivar a comunidade escolar a conhecer a língua brasileira de sinais e assim facilitar a comunicação entre o aluno Surdo e os demais membros da comunidade, além de capacitar professores, funcionários, alunos-ouvintes e a comunidade de maneira geral a interagir através da Libras. Inicialmente neste trabalho adotou-se a pesquisa bibliográfica, na qual vários autores serviram de base para fundamentar a pesquisa-ação titulada “LIBRAS: um projeto para as escolas do ensino fundamental”. O projeto foi colocado em prática na Escola M.E.I.F Emanuel Nunes localizada no município de Itaituba estando aproximadamente a dezoito quilômetros do município de Trairão, sendo assim uma escola da Zona rural; o mesmo foi aplicado em dois períodos, no período da manhã para os alunos matriculados à tarde e no período da tarde para os alunos da manhã; o projeto também contemplou funcionários e membros da comunidade. O aluno surdo tem encontrado grande dificuldade no que diz respeito à comunicação tanto entre professor-aluno quanto aluno-aluno. Nessa perspectiva, o ensino da Libras dentro das escolas através de projetos que promovam cursos práticos para a capacitação da comunidade escolar é de grande valia para o processo de ensino-aprendizagem. Com a aplicação da referida pesquisa percebeu-se que os objetivos propostos foram alcançados, sendo assim, o presente projeto serve como fonte de investigação para futuras análises a respeito de aplicações da pesquisa-ação na área da Libras.

Palavras-chave: LIBRAS. Projeto. Aluno.

ABSTRACT

The purpose of this paper was to study LIBRAS as a project for nine years of elementary school, in order to encourage the school community to learn the Brazilian sign Language and to motivate the communication between the student Deaf and the other members of the community, as well as training teachers, employees, student-listeners and the community in general to interact through LIBRAS. Firstly in this work the bibliographic research was adopted in which several authors served as the base for the action research entitled "LIBRAS: a project for elementary schools". The project was put into practice in the School M.E.I.F Emanuel Nunes located in the municipality of Itaituba being approximately eighteen kilometers from the municipality of Trairão, being thus a school of the Rural zone; the same was applied in two periods in the morning for the students enrolled in the afternoon and in the afternoon for the morning students; the project also included employees and community members. The deaf student has found great difficulty regarding the communication between teacher-student and the interpersonal relationship between student-student, in this perspective, the teaching of LIBRAS within the schools through projects that promote practical courses for the training of the school community is a great value for the teaching-learning process. With the application of this research it was noticed that the proposed objectives were reached, that is, the present project serves as a research source for future analyzes regarding applications of the action research in the area of the LIBRAS.

Keywords: LIBRAS. Project. Student.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charles- Michel de l'Epée..... 15
Figura 2 – Hernest Huet…… 17
Figura 3 – Datilologia..... 47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de movimentos não manuais..... 36
Quadro 2 – Ordem sintática..... 38

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Instituto Nacional de Educação de Surdos..... 25
Foto 2 – Fonemas da Libras..... 35
Foto 3 – Alunos reunidos para o projeto..... 45
Foto 4 – Alunos aprendendo datilologia..... 48
Foto 5 – Professor explicando sobre a inclusão..... 49
Foto 6 – Alunos sinalizando..... 50
Foto 7 – Aprendendo novos sinais..... 51
Foto 8 – Aluno criando frase em Libras..... 52
Foto 9 – Professor ensinando sinais..... 53
Foto 10 – Alunas recebendo certificado..... 54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 15
2.1 LIBRAS: DO SURGIMENTO ATÉ OS NOSSOS DIAS 15
2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS 21
2.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS 26
2.3.1 Oralismo *26*
2.3.2 Comunicação total *28*
2.3.3 Bilinguismo *29*
2.3.4 Pedagogia Surda *30*
2.4 A LINGUÍSTICA E A LIBRAS 32
2.4.1 Aspectos Básicos da Linguística *32*
2.4.2 Estudos Linguísticos da Libras *35*
3 METODOLOGIA 41
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA 41
3.2 LÓCUS DA PESQUISA 41
3.3 PARTICIPANTES 43
3.4 COLETAS DE DADOS 43
4 RESULTADO E DISCUSSÃO 45
4.1 RELATO DA EXPERIENCIA VIVIDA 45
5 CONCLUSÃO 56
REFERNCIAS 57
APÊNDICES 59

1 INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais, também conhecida como Libras, é a língua natural da pessoa surda no Brasil, na qual se utiliza sinais visuais para a comunicação de maneira geral, todavia é necessário que todos os participantes de uma conversa compreendam a língua utilizada no processo de comunicação, com isso surgem vários problemas, um deles é a dificuldade que a pessoa surda tem de se comunicar dentro de uma sala de aula, tanto com o professor ouvinte, quanto com os demais alunos.

Segundo a legislação, é necessário que o surdo seja acompanhado por um intérprete que traduza a aula da Língua Portuguesa para a Libras. Entretanto, sabe-se que em um número considerável de escolas não há interpretes de Libras, com isso, o aluno surdo tem tido grande dificuldade em compreender o conteúdo estudado, percebe-se através de pesquisas, que o número de alunos surdos que cursam o ensino superior é muito pequeno, boa parte desses alunos não terminam sequer o ensino fundamental, e os que conseguem terminar, tem grande dificuldade de compreender os conteúdos do ensino médio.

Baseando-se na necessidade de se tomar medidas que facilitem o acesso da pessoa surda à educação é importante que esse aluno não apenas consiga comunicar-se com o conteúdo através do intérprete que é o mediador entre aluno-surdo e conteúdo, mas é de suma importância que o aluno consiga se comunicar com o próprio professor, pois se sabe que o intérprete não domina o conteúdo ministrado, o mesmo apenas o traduz. Além disso, é de grande valia que os alunos-ouvintes consigam trocar conhecimento com a pessoa-surda, com isso o presente estudo é justificável, pois o mesmo propõe um projeto voltado para o ensino fundamental de nove anos assim como para a comunidade escolar de maneira geral visando sanar tais problemas.

Esta monografia tem por tema “LIBRAS: um projeto para o ensino fundamental de nove anos”. O presente estudo trouxe como escopo, além de conhecimentos sobre a história da Libras, a capacitação da comunidade escolar em relação a inclusão, o conhecimento de uma nova língua e a proposta de métodos a serem trabalhados para que haja comunicação entre o aluno Surdo e a comunidade de maneira geral.

A escolha do tema parte da necessidade de se tratar sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais como língua necessária para a comunicação do Aluno surdo, pois há um notório desconhecimento a respeito de tal temática, com isso o aluno surdo encontra-se em um nível inferior de aprendizado, não por ser incapaz intelectualmente, mas pela falta de recursos que o levem ao conhecimento de maneira tão eficaz quanto o aluno ouvinte, sendo assim o ensino da LIBRAS nas escolas de ensino fundamental torna viável a expansão do conhecimento da linguagem articulada desde as series iniciais tornando o aluno ouvinte capacitado a interagir com o aluno surdo.

De uma maneira mais especifica, este estudo surge da subordinação entre inclusão e linguagem, isto é, não há inclusão se não houver linguagem em comum para a relação social comunicativa, com isso percebe-se que há uma deficiência no que diz respeito ao método de ensino do aluno Surdo, pois o mesmo está sendo inserido no ensino regular, porém não há meios de interação entre o aluno e os professores, e nem mesmo entre aluno Surdo e Aluno ouvinte.

Sendo assim, este projeto foi colocado em prática na Escola Municipal Emanuel Nunes, situada na comunidade Agrovila Nova Esperança, objetivando propor maneiras para capacitar o aluno ouvinte, assim como a comunidade escolar a interagir com o aluno Surdo, através da Língua brasileira de sinais visando uma inclusão eficiente na qual haja comunicação e troca de conhecimento.

O referencial teórico do referido trabalho teve como base as obras de Fernandes (2011), Goldfeld (2002), Quadros e Karnopp (2004), entre outros autores. Em sequência se deu a aplicação da pesquisa-ação, isto é, o projeto de Libras na Escola M.E.I.F Emanuel Nunes, a qual teve como objeto de estudo os alunos do segundo ao nono ano, o projeto também contou com a participação de funcionários da escola e comunitários.

Esta monografia encontra-se organizada da seguinte maneira: inicialmente a introdução trás uma breve explicação sobre a Libras e o ensino atual da pessoa surda, a problemática e a justificativa, assim como os objetivos a serem alcançados para se minimizar tal problema e propor ideias para serem usadas no processo ensino-aprendizagem. Dando sequência, a fundamentação teórica baseia-se em autores que tratam sobre a origem da Língua Brasileira de Sinais, a história da educação dos surdos e como os mesmos eram tratados nos diferentes períodos e

em diferentes nações, as metodologias usadas no processo de ensino da pessoa surda e a linguística da Libras.

Em conseguinte a metodologia trás de maneira sequencial todo o método de aplicação do projeto “LIBRAS: um projeto para as escolas do ensino fundamental”. Em seguida o Lócus da pesquisa trás informações detalhadas sobre a Escola Emanuel Nunes situada na zona rural da cidade de Itaituba, em sequência é relatado a respeito dos participantes assim como a coleta dos dados de toda a aplicação do projeto levando em consideração a metodologia proposta. O projeto finaliza com a conclusão sobre a temática e as referencias dos autores citados nesta monografia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LIBRAS: DO SURGIMENTO ATÉ OS NOSSOS DIAS

A Língua de Sinais Brasileira, assim como as demais línguas de sinais que hoje são oficialmente consideradas língua, passou por um longo processo desde seu surgimento até os dias atuais, este processo se deu através da luta da comunidade surda em garantir seus direitos, pois os mesmos eram considerados como pessoas que tinha menos capacidade intelectual que os ouvintes, e a linguagem de sinais era considerada apenas como “mímica”, isto é, gestos sem uma complexidade estrutural de um língua.

> A Libras evoluiu no século XIX , através de registros históricos e entrou em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF) nas mãos do professor surdo francês Hernest. Huet. Ele veio ao Rio de Janeiro em 1855 com a intenção de fundar uma escola para surdos e, com o apoio do Imperador D. Pedro II, fundou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na capital do Rio de Janeiro (DINIZ, 2010, p. 21).

O processo de estruturação da Língua Brasileira de Sinais se deu através do método de ensino de l’Epée trazido pelo professor Hernest Huet, o mesmo contribuiu para o ensino-aprendizagem das línguas de sinais em vários países.

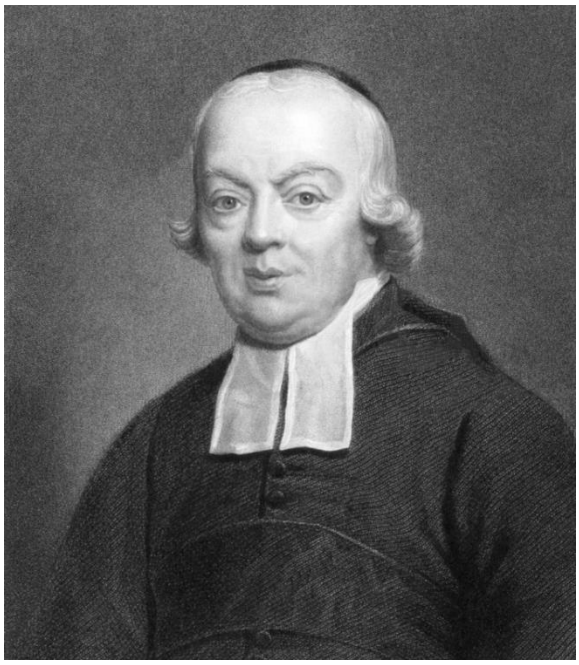

Figura 1 – Charles- Michel de l’Epée. Fonte: Google (2017).

Conforme Carvalho (2012) Charles- Michel de l'Epée (25 de Novembro de 1712, 23 de Dezembro de 1789) iniciou seu interesse pela Linguagem de sinais após conhecer duas irmãs surdas que se comunicavam através dos sinais, o mesmo tinha sua atenção voltada as obras de caridade e decidiu contribuir ajudando os surdos a desenvolverem sua língua e disponibilizar a educação religiosa para os mesmos, pois antes pensava-se que os surdos não tinham direito a salvação devido a incapacidade que eles tinham de receber o sacramento da igreja católica.

Em 1750 l'Epée fundou um abrigo o qual o mesmo usava seu próprio dinheiro para manter, com isso o mesmo concluiu que a pessoa surda tem sim capacidade de se comunica, porém, essa comunicação se dá através dos sinais visuais a não de forma oral auditiva como é o caso das línguas orais. No ano de 1760 o seu abrigo passou a ser a primeira escola de surdos com isso os métodos de l'Epée se difundiram pelo mundo, sua escola era aberta ao publico, isto é, a mesma aceitava surdos de qualquer região e estudioso de outros países que se interessavam pela língua de sinais, pode-se se afirma com isso que a Língua Francesa de Sinais Influenciou de maneira relevante varias outras Línguas de Sinais no Mundo.

De acordo com Bernarab e Oliveira (2007) uma das conquistas adquiridas através do trabalho de l'Epée foi a criação do Instituto Nacional de Surdos-mudos em Paris, que foi a primeira escola de surdos que se tem registro, a mesma foi responsavel pela educação dos dos surdos na França e a mesma tambem contribuiu para que estudiosos pudessem se aperfeiçoar e voltarem para seus países levando a linguagem de sinais francesa assim como ideologias bem estruturadas que foi excencial para a educação da pessoa surda.

Segundo Goldfeld (2002) no ano de 1855 o professor francês surdo Hernest Huet, seguidor dos métodos de l'Epée, veio ao Brasil com o intuito de contribuir par o progresso da lingua de sinais, o mesmo teve o apoio do Imperador D. Pedro II, dois anos depois Huet fundou o Instituto Imperial de Surdos-mudos, no qual pôde por em prática os métodos de l'Epée. É importante frisar que o Brasil já possuia os métodos familiares de comunicação por sinais, isto é, haviam pequenas comunidades que tinham seu proprio método de comunicação, mas nada tão amplo quanto a linguagem trazida por Huet que possibilitou as comunidades surdas no Brasil a ampliarem sua comunicação, pois através da Lingua de sinais os mesmos passaram a conhecer outros estudos e para o que antes não haviam sinais passaram a ser usados os sinais trazidos por Huet.

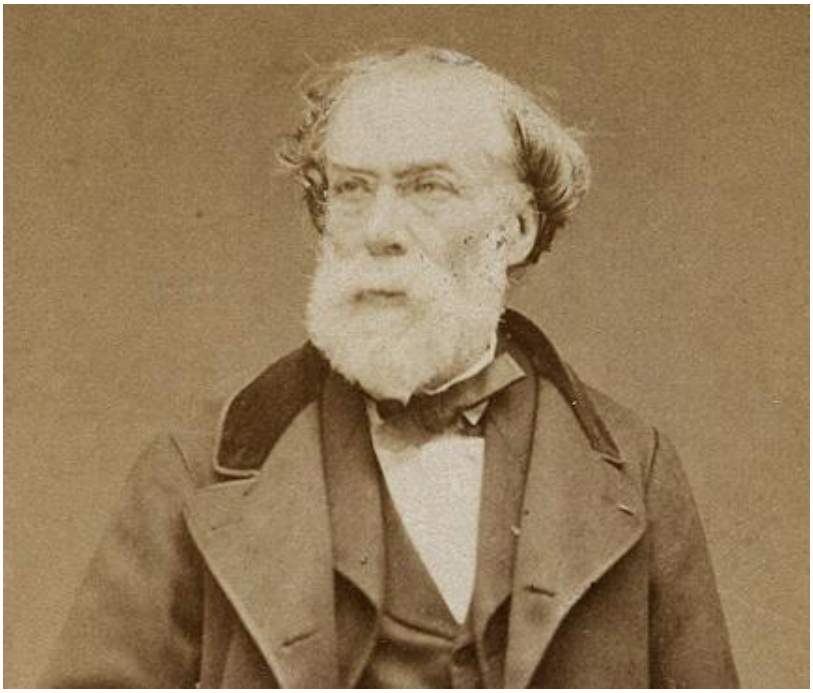

Figura 2 – Hernest Huet. Fonte: nationalgallery.org.uk (2017).

Apesar de inicialmente não haver grande repercussão, com o tempo o Imperial Instituto de Surdos Mudos foi aceito por parte da população ajudando no processo educacional da pessoa surda do Brasil além de servir de referencial para países vizinhos que também procuravam o instituto a fim de aprenderem a Libras e levar aspectos da linguagem para a estruturação das línguas gestuais das regiões vizinhas. Segundo Fernandes (2011) as disciplinas ministradas no Instituto eram “a Língua Portuguesa, a Aritmética, a Geografia, a História do Brasil, a Escrituração Mercantil, a Linguagem Articulada, a Leitura sobre os Lábios e a Doutrina Cristã”.

> Na década de 1960 surge, no Brasil, o primeiro estudo linguístico sobre a Língua de Sinais, até então apenas uma forma de linguagem, efetuado por William Stokoe, Klima e Bellugi. Este estudo visava demonstrar as características que fazem da linguagem de sinais uma língua equivalente à verbal, com gramática própria tanto no nível fonético, como a nível fonológico e semântico, contrariando o conceito que até então se tinha, no qual a linguagem de sinais era considerada pobre, rudimentar e sem estrutura (PALMA, 2012, p. 13).

Após os estudos de Klima e Bellugi a respeito da língua de sinais percebeu-se que a mesma é tão estruturada quanto às demais línguas orais, isto é, os aspectos gramaticais, percebeu-se que através das línguas de sinais podiam-se transmitir ideias tão complexas quanto através de uma língua oral, porém mesmo com o

estudo linguístico sobre a língua de sinais, percebe-se o grande preconceito por parte dos ouvintes ao que se refere à língua de sinais.

Com o Congresso de Milão em 1880 optou-se por seguir a metodologia oralista, sendo proibido o uso das linguagens de sinais em vários países, inclusive no Brasil tal decisão foi tomada por educadores de surdos repercutindo de forma negativa nos alunos surdos que foram impedidos de usar sua linguagem natural, com isso os alunos surdos foram obrigados a tentarem se adaptar a leitura labial e ao método oralista.

> A língua de sinais, apesar de oficialmente proibida, sobreviveu em sala de aula até 1957, continuando a ser utilizada, às escondidas, pelos alunos nos banheiros, pátios e corredores da escola, longe do olhar vigilante dos cuidadosos mestres (FERNANDES, 2017, p. 35).

Percebe-se que desde a chegada da língua de sinais no Brasil ouve uma grande barreira para seu desenvolvimento, expansão e aceitação por parte da sociedade em geral. Por um lado tem-se a comunidade surda lutando pelo seu direito de liberdade de expressão através da sua língua L1, e que essa língua fosse aceita como língua oficial do surdo no Brasil, e por outro lado têm-se as pessoas que são contra o ensino da língua de sinais, isto é, pessoas que defendem o método oralista de tentar desenvolver a oralidade do surdo mesmo que o mesmo tenha muita dificuldade em obter a linguagem oral.

> A Língua Brasileira de Sinais foi denominada Libras a partir do II Congresso Latino Americano de Bilinguismo para Surdos, realizado em 1993, em substituição à denominação LSCB, posto que LSCB era o termo utilizado apenas em pesquisas linguísticas e Libras era o termo utilizado pela comunidade surda (ALMEIDA, 2012, p. 26).

Percebe-se que independente das decisões tomadas tanto pelo Congresso de Milão, quanto pelo Congresso Latino Americano de Bilinguismos para surdos em 1993, os surdos tinham seus próprios métodos, porém os mesmos eram impedidos socialmente de usa-los tendo assim que utilizar os mesmos às escondidas.

Mesmo antes do II congresso Latino Americano de Bilinguismo a língua brasileira de sinais já era denominada Libras por parte da comunidade surda, por outro lado os estudiosos a denominavam LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos). Só após o congresso de Bilinguismo percebe-se uma melhor aceitação ao

termo LIBRAS. Mas apesar de o termo ter sido mudado e disseminado percebe-se que os direitos do surdo ainda eram ignorados em relação às leis brasileiras, pois todas as metodologias aceitas para serem aplicadas a alunos surdos eram escolhidas por ouvintes, ou seja, as ideologias do sujeito surdo eram ignoradas como se o mesmo não tivesse capacidade de escolher a metodologia mais eficiente para si.

> O processo de reconhecimento das línguas de sinais, no Brasil é muito recente. A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas no Brasil pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo regulamentada somente três anos mais tarde pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (ALMEIDA, 2012, p. 25).

Ao analisar o processo de reconhecimento da Libras como língua oficial do surdo no Brasil, percebe-se um grande atraso, pois lembra-se da chegada da linguagem de sinais em 1855, ou seja, cento e cinquenta anos de luta por parte da comunidade surda do Brasil sua língua ser aceita e respeitada como lei. Percebe-se então um grande atraso se comparado a países como a França, Estados Unidos entre outros países.

Quando se reconhece uma língua deve-se ter em mente que essa língua deve estar presente nos meios sociais tanto públicos quanto privados para a interação do Surdo com os demais indivíduos de uma sociedade, isto é, na escola, nos hospitais, nos setores públicos e em vários outros lugares.

> A implementação da Lei de Libras teve reflexo em vários setores. Na educação, por exemplo, a Libras tornou-se disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia. Com esse ato, o ensino da Libras na formação de professores torna-se obrigatória (SHINTAKU, 2014, p. 03).

A Libras tem ganhado espaço tanto no meio educacional através das escolas, quanto na sociedade em geral através da mídia televisiva e da internet. Um dos maiores impactos em relação à Língua Brasileira de Sinais e a educação do Surdo no ano de 2017 se deu com a escolha do tema “desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” como redação Dissertativo Argumentativa no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM 2017, que foi o grande impulsionador da temática levando milhares de alunos a redigirem textos explanando e dando ideias

sobre a educação do Surdo. Com a escolha do tema por parte do ENEM percebe-se que ouve um impacto positivo e reflexivo por parte da mídia e da sociedade em geral.

Mas quando se Fala em Libras é necessário que se compreenda que:

> Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associando [...] Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionarias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.
> Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionarias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento a saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legis em vigor. (BRASIL, Lei nº 10.436, 2002).

A referida lei reconhece a Libras como uma língua tão importante quanto às demais línguas orais, isto é, o Português, o Inglês, o Espanhol, entre outras. Sendo assim as comunidades surdas passaram a utilizar sua língua natural de maneira mais livre. Fala-se sobre o dever de se apoiar o uso da Libras nos diferentes âmbitos do setor publico com o intuito de garantir a propagação da mesma contribuindo para o processo de comunicação, ensino, aprendizagem e o tratamento da pessoa surda.

Com essas leis foi possível mudar a situação da pessoa surda no Brasil, pois as mesmas eram ignoradas, pode-se dizer que a partir da aprovação de leis como essas pôde ser garantido acesso à saúde e a educação, além da livre expressão das comunidades surda através da sua língua L1.

Segundo Almeida (2015),

> Políticas públicas têm sido implementadas para a efetivação da educação de surdos em nível superior. Entretanto, é preciso pensar: como os surdos estão inseridos nesse ensino? Como as universidades estão se preparando para receber e viabilizar a permanência dos alunos surdos no ensino superior?

Na atualidade percebe-se que há o interesse tanto por parte dos ouvintes, quanto por parte dos surdos em qualificar-se fazendo cursos de Libras, pois a partir da lei que legaliza a Libras muitas universidades, faculdades e escolas diversas tem se adaptado disponibilizando desde cursos práticos de Libras até cursos superiores, com isso o interesse de muitos acerca da Língua Brasileira de Sinais aumentou,

porém percebe-se que a metodologia de ensino utilizada ainda não tem focado o ensino de surdos para surdos.

Quando se fala em curso de Libras é importante também frisar o processo de ensino-aprendizagem através da internet, pois de acordo com Vaz (2012):

> Para os surdos os recursos tecnológicos são, [...] uma alternativa de comunicação e aprendizagem. Oferecer essa possibilidade de usufruir novas oportunidades de interação maior e melhor contribui também para que sejam mais participativos na sociedade. O uso do computador e da internet abriu novas possibilidades de comunicação principalmente por serem tecnologias visualmente acessíveis, o que é atraente para o surdo.

Sendo assim percebe-se que através da internet tanto a comunidade surda, quanto os ouvintes podem entrar em contato com a Libras, tal contato pode ser referente à relação interpessoal, isto é, a comunicação entre surdos de diversos lugares compartilhando as variações linguísticas da Libras, ou mesmo o ensino aprendizagem através de sites de ensino online.

Com a popularização da internet surge uma ferramenta extremamente eficaz no processo de ensino, denominada Ensino a Distância (EaD), a referida ferramenta de ensino “é conhecida desde o século XIX; no entanto, somente recentemente passou a receber grande atenção entre as práticas pedagógicas” (VAZ, 2012, p.44).

Parafraseando Lebedefd et al (2011) O ensino EAD disponibilizou cursos diversos dentro da área da Língua Brasileira de Sinais, além de graduação e pós-graduação; além disso, há também inúmeras plataformas que auxiliam tanto a pessoa surda, quanto os ouvintes interessadas na Libras, através de dicionários online entre outras tecnologias, uma dessas tecnologias são os aplicativo para celulares que trazem uma plataforma dinâmica na qual digita-se um nome qualquer em Língua Portuguesa e o aplicativo mostra o respectivo sinal em Libras.

É possível encontrar, além de artigos, livros e aplicativos, uma serie de vídeo-aulas ensinando a Língua Brasileira de Sinais, com isso o conhecimento da Libras tem sido amplamente difundido e ganhado espaço e respeito na atualidade.

2.2 A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Há uma grande quantidade de países que tem sua própria língua de sinais, algumas são reconhecidas como língua oficial, outras são marginalizadas, ou seja,

usada apenas pela comunidade surda não sendo reconhecida pelo país, com isso é importante explanar sobre o processo de evolução tanto das línguas de sinais, quanto da educação do surdo, que se dá de maneira mais eficaz apenas após sua língua natural ser aceita como L1 (primeira língua).

A história da educação dos surdos é cheia de lutas por parte dos surdos para serem reconhecidos com igualdade e para que sua língua natural também seja reconhecida e respeitada, nesse sentido, é importante encontrar respostas sobre o processo de educação da pessoa surda em diferentes períodos e lugares para que se possa perceber o progresso alcançado por parte das línguas de sinais e das comunidades surdas que tem lutado para que seus direitos sejam assegurados tanto na lei quanto na prática.

> A surdez é tão antiga quanto a humanidade. Sempre existiram Surdos. O que acontece, porém, nos diferentes momentos históricos, é que nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos (FERNANDES, 2011, p. 19).

Desde os primórdios existem pessoas surdas, mas sabe-se também que essas pessoas eram tratadas de maneira diferente em lugares e tempos diferentes. Segundo Palma (2012) os surdos eram adorados no Egito, pois os mesmos eram tidos como mediadores entre os deuses e os faraós, tomando uma posição alta.

É possível também observar dentro do contexto histórico dos textos bíblicos várias citações a respeito dos surdos, percebe-se que os mesmos eram desprezados, pois há citações que incentivam o povo a tratarem bem o surdo, pode-se citar o livro de Levíticos que segundo a Bíblia bilíngue (2015) tem a seguinte lei “Não amaldiçoe o surdo, nem ponha na frente de um cego uma coisa que o faça tropeçar”.

> Na Antiguidade os chineses lançavam-nos ao mar, os gauleses sacrificavam-nos aos deuses Teutates, em Esparta eram lançados do alto dos rochedos. Na Grécia, os Surdos eram encarados como seres incompetentes. Aristóteles ensinava que os que nasciam surdos, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar. Essa crença, comum na época, fazia com que, na Grécia, os Surdos não recebessem educação secular, não tivessem direitos, fossem marginalizados (juntamente com os deficientes mentais e os doentes) e que muitas vezes fossem condenados à morte [...] Os Romanos, influenciados pelo povo grego, tinham ideias semelhantes acerca dos Surdos, vendo-o como ser imperfeito, sem direito a pertencer à sociedade [...] (PALMA, 2012, p. 5).

Percebe-se que os surdos eram vistos como se os mesmos não tivessem capacidade de raciocínio, e com a falta de uma língua de sinais para o desenvolvimento intelectual dos mesmos, eles não aprendiam muito mais que pequenos gestos para as necessidades básicas, por exemplo, para alimentarem-se. Palma (2012) prossegue seu ponto de vista afirmando que,

> Em Constantinopla, as regras para os Surdos eram basicamente as mesmas. No entanto, lá os Surdos realizavam algumas tarefas, tais como o serviço de corte, como pajens das mulheres, ou como bobos, de entretenimento do sultão [...] Santo Agostinho defendia a ideia de que os pais de filhos Surdos estavam a pagar por algum pecado que haviam cometido. Acreditava que os Surdos podiam comunicar por meio de gestos, que, em equivalência à fala, eram aceites quanto à salvação da alma [...] Os cristãos, até à Idade Média, criam que os Surdos, diferentemente dos ouvintes, não possuíam uma alma imortal, uma vez que eram incapazes de proferir os sacramentos (PALMA, 2012, p. 6).

Nesse sentido pode-se perceber que os surdos têm sido tratados de maneira desigual e muitas vezes desumana, e ao que se refere à educação dos surdos nota-se que era um tema ignorado, pois se pensava que os mesmos não eram intelectualmente capazes de se comunicarem, nem mesmo de pensarem ou de tomarem decisões.

Segundo Palma (2012) “John Beverley, em 700 d.C., ensinou um Surdo a falar, pela primeira vez (em que há registo). Por essa razão, ele foi considerado por muitos como o primeiro educador de Surdos”. Com isso percebe-se a eficácia do processo de ensino aprendizagem do surdo chegando se a conclusão de que o atraso no processo de aquisição e reconhecimento das línguas de sinais no mundo se dá de maneira lenta devido a muitos fatores, sendo um deles o preconceito.

> Por muito tempo, os surdos foram vitimas de uma concepção equivocada que vinculava a surdez à falta de inteligência, levando-os a serem marginalizados, com base na crença hegemônica de que, como não poderiam falar, não desenvolveriam a linguagem, não poderiam pensar e, portanto, não haveria possibilidades de aprendizagem formal. (FERNANDES, 2011, p. 20).

As crenças e os mitos levaram a sociedade antiga a terem ideologias errôneas a respeito dos surdos, e essas ideologias faziam com que os mesmos fossem muitas vezes excluídos da sociedade como alguém que tem alguma doença contagiosa, porém ao final da idade media o pensamento religioso deu lugar à

razão, então a surdez passou a ser encarada não como uma maldição, mas como algo que pudesse ser analisado cientificamente.

Mas ao que se refere à educação do surdo.

> No século XVI, o monge espanhol beneditino Pedro Ponce de Léon (1520-1584), reconhecido oficialmente como o primeiro professor de Surdos da história, ensinou nobres surdos a ler, a escrever e a contar, com o apoio de gestos utilizados em alguns mosteiros, como resultado da regra de silencio ali imposta (FERNANDES, 2011, p. 25).

Após o pensamento religioso a respeito dos surdos ter dado lugar ao pensamento lógico os surdos passaram a desenvolver sua comunicação com mais liberdade, pois até então a linguagem de sinais não havia sido proibida, todavia a educação se dava através das comunidades sem a existência de profissionais na área, os surdos criavam sinais para se comunicarem com os demais surdos e com suas famílias.

Apesar da liberdade que os Surdos tinham era pouco o número de pesquisadores interessados no processo de aquisição da linguagem de sinais, sendo assim, os surdos não tinham o apoio da sociedade de maneira geral que, segundo Oliveira e Silva (2014), ainda os via através do prisma religioso como criaturas sem almas que estavam condenadas ao inferno por não poderem participar e nem proferir oralmente as palavras de fé da Igreja Católica.

Quando se fala em educação de surdos no decorrer da história, tal tema nos remete aos métodos franceses que serviram como fonte para o surgimento de várias línguas de sinais em outros países, esse ensino se deu através religioso Charles Michel L'Epée, o mesmo "criou um método diferente, com base no emprego de sinais, que alcançou imenso sucesso na década de 1780 e que se estendeu a centenas de Surdos por toda a Europa" (FERNANDES, 2011, p. 28).

Ainda conforme Fernandes (2011):

> A língua de sinais, sistematizada como fruto da aglutinação de Surdos europeus no Instituto de Surdos-Mudos de Paris, é conhecida como a primeira língua de sinais no mundo e raiz de todas as outras línguas sinalizadas que foram disseminadas pelo planeta. Sua difusão se deu em decorrência da ida de professores surdos, que trabalharam com L'Epée, a outros países europeus e ao continente americano, multiplicando a metodologia desenvolvida pelo religioso para educar Surdos.

Com isso começaram a surgir em diversos países às escolas para surdos, ainda não se tinham metodologias exatas para se trabalharem com o surdo, pois alguns defendiam a ideia de que deveria se ensinar o surdo a falar e a usar a leitura labial, outros defendiam a ideia da língua de sinais, baseados nas pesquisas de linguistas que demostraram que a língua de sinais era tão complexa e estruturada quanto às línguas orais.

> Em 1880, aconteceu na Itália, o II Congresso Internacional de Educação de Surdos, mais conhecido como o Congresso de Milão que foi um divisor de águas na educação dos surdos. O objetivo deste congresso era decidir qual método seria o mais eficaz para a educação dos surdos: o oralismo ou a língua de sinais. Da possibilidade de votação foram excluídos os próprios professores surdos, assim, o oralismo foi escolhido pela maioria dos representantes dos países e o uso das línguas de sinais foi oficialmente abolido [...] (MAEDA, 2012, p. 6).

A partir do congresso de Milão adotou-se o método de educação denominado “Oralismo” no qual os surdos foram obrigados a deixarem a língua de sinais e passaram a aprender a língua oral e a leitura labial. Tal decisão não foi bem recebida por parte dos surdos que muitas vezes falhavam na aquisição da linguagem oral e na leitura labial, percebe-se então que o processo educacional do surdo passou por um período de retrocesso, só após anos de luta pôde-se mudar a ideologia da sociedade de maneira geral que passou a entender que a língua de sinais é a língua natural do surdo e que o mesmo necessita da mesma para comunicar-se. No Brasil a história da educação se deu através do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos).

Foto 1 – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Fonte: Globo.com (2017).

Rocha (2013) afirma que com a vinda do professor Hernest Huet em 1855 iniciou-se a nível nacional o processo de educação dos Surdos no Brasil, inicialmente o Instituto foi nomeado “Collégio Nacional para Surdos-Mudos”, tal nomenclatura perdurou nos anos de 1856 e 1857.

Ainda no ano de 1857 o Instituto passou a ser chamado de “Instituto Imperial para Surdos-Mudos, do ano de 1858 ao ano de 1865 a nomenclatura mudou novamente, o mesmo passou a ser denominado “Imperial Instituto para Surdos-Mudos, de 1865 ao ano de 1874 passou a ser denominado “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, em 1874 o nome do instituto sofreu outra mudança e passou a ser denominado “Instituto dos Surdos-Mudos, essa nomenclatura durou até o ano de 1890, então novamente o instituto mudou sua nomenclatura passando a ser chamado de Instituto Nacional de Surdos Mudos, só em 1957 o nome do Instituto passou a ser “Instituto Nacional de Educação de Surdos”.

2.3 METODOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

2.3.1 Oralismo

No decorrer da história da educação dos surdos surgiram varias metodologias de ensino do aluno surdo, no Congresso de Milão (1880) optou-se pelo método Oralista, essa metodologia proibiu o uso das linguagens de sinais, esse período os professores surdos foram demitidos e professores ouvintes os substituíram, as linguagens de sinais deram lugar à linguagem oral, na qual o aluno surdo era forçado a se adaptar a mesma aprendendo a leitura labial e a linguagem oral, entretanto esse método de ensino não obteve êxito, pois boa parte dos surdos não obteve a habilidade da leitura de lábios, mesmo assim:

> [...] os pais eram advertidos a não utilização de qualquer tipo de comunicação gestual porque esta poderia ser prejudicial no processo educacional, tornando a criança surda preguiçosa para adquirir a fala. Porém, embora nas escolas a metodologia fosse oral, nos dormitórios, no recreio, nas associações, em qualquer local em que os surdos se encontrassem fora do dormitório de seus professores e pais a comunicação acontecia por meio da língua de sinais (VAGULA, VEDOATO, 2014, p. 119).

Com o avanço da tecnologia surgiram vários especialistas que contribuíram para o desenvolvimento de equipamentos uteis no tratamento da pessoa surda com

o intuito de fazê-la ouvir e assim facilitar a mesma a aprender a linguagem oral, porém o aparelho auditivo se mostrou ineficaz em pessoas com perca total da audição, sendo assim para essas pessoas o aprendizado da língua oral era um desafio.

Campos (2011), Samuel Heinicke foi um dos grandes defensores do Método oralista, o mesmo desenvolveu um sistema de instrução para os surdos na Alemanha, o mesmo considerava que a pessoa surda deveria aprender o método oralista, pois para ele os métodos baseados nas linguagens de sinais eram ineficazes para o desenvolvimento intelectual da pessoa surda, a metodologia oralista ainda é utilizada na atualidade, há pessoas que ainda tentam oralizar o sujeito surdo, tal método tem seus benefícios e malefícios, um dos benefícios é: o diagnostico prematuro de doenças auditivas, que facilita o tratamento antecipado através de cirurgias ou aparelhos para ampliar a audição.

Um dos malefícios se dá em relação à pessoa que tem um grau elevado de surdez, que em alguns casos tanto a cirurgia quanto os aparelhos auditivos se mostram ineficazes, sendo assim o indivíduo terá grande dificuldade de se adaptar ao método oralista, o método também se mostra antiquado em casos de longos processos para se obter ganho na audição, pois o paciente poderia já está em contato com a língua de sinais trocando informações e desenvolvendo-se intelectualmente, pois sabe-se que a comunicação através de uma língua é primordial para o desenvolvimento intelectual de cada individuo.

> O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à “não surdez” (GOLDFELD, 2002, p. 34).

Sendo assim, a surdez é considerada uma doença para o método Oralista que julga ser necessário se tomar atitudes para que, primeiramente o individuo seja curado de tal doença, caso não haja maneiras de cura-lo, então a pessoa surda entra em contato com toda uma metodologia com o objetivo de fazer essa pessoa a aprender a leitura labial e a fala mesmo que a mesma não ouça. Segundo Dilli (2010, p. 25).

> A concepção utilizada por Heinicke ainda é muito utilizada e se mantém até os dias de hoje. Os profissionais do oralismo, ao longo da história da educação de surdos, têm usado, em maior ou menor grau, as determinações desse médico. Gestos ou sinais de qualquer natureza eram considerados como caminhos para a Língua de Sinais; portanto eram expressamente proibidos.

Apesar da Língua de Sinais ter sido proibida no Brasil, sabe-se que as comunidades surdas não abriram mão da mesma, pois por meio dessa língua a pessoa surda consegue expressar-se e comunicar-se com os demais. Tal característica é comum, pois segundo Vigotski (2001) a construção da linguagem e do pensamento não depende da língua oralizada e sim dos sinais linguísticos, isto é, o significado de cada sinal, independente se tal sinal é visual-gestual ou oral-auditivo.

> O oralismo perdurou como filosofia educacional durante os anos de 1880 até meados de 1960. Durante todo esse tempo, foram os ouvintes que decidiram qual era a melhor maneira de integrar o surdo à sociedade, excluindo-os do direto à voz ou ao voto (MAEDA, 2012, p. 8).

Para kalatai (2012) “O principal objetivo da metodologia Oralista é desenvolver a fala do surdo, pois para os defensores deste método, a língua falada era considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas”, com isso percebeu-se após anos que o método não obteve bons resultados e após oitenta anos de metodologia falha decidiu-se mudar e buscar novas metodologias para se trabalhar o desenvolvimento do surdo e sua interação na sociedade.

2.3.2 Comunicação total

Para Vagula e Vedoato (2014) O método de Comunicação Total, diferente do método oralista, trata a surdez não apenas como uma doença que precisa ser erradicada, nesse método a pessoa surda tem a liberdade de entrar em contato com diferentes maneiras de comunicação, entre elas a fala, a leitura labial, as Linguagens de sinais, entre outros códigos que permitem a comunicação.

Porém percebe-se que tal método ainda é centralizado na oralização e na leitura labial, isto é, espera-se que além de a pessoa surda aprenda a língua de sinais, que a mesma aprenda também a leitura labial e a fala, e em contrapartida a

comunidade surda tem lutado não para que se haja um amontoado de línguas e maneiras para que o surdo aprenda a se comunica, mas para que sua língua seja aceita como a principal língua de comunicação entre os Surdos, e que o método oralista seja apenas uma escolha feita pelo próprio sujeito surdo, que dotado de capacidade intelectual e poder de escolha possa decidir se deseja ou não aprendê-lo.

Segundo Katalai (2012) a mudança do método oralista para o método de comunicação total se deu, pois, se constatou por parte dos Surdos que a pessoa surda de maneira geral não consegue se adaptar ao método oralista, e que tal metodologia estava atrasando o desenvolvimento do surdo na sociedade, porém percebe-se que as próprias comunidades surdas já haviam abrido mão do método oralista e que estavam, mesmo que sendo proibido pelos seus mentores, usando a língua de sinais para se comunicarem.

Com isso o método de comunicação total se originou, sendo considerada por muitos apenas um escape da tão temida metodologia oralista, pois só assim o surdo teria a liberdade de usar sua língua natural, mesmo que sendo ainda esperado que o mesmo adquirisse a língua oral.

Visto que tal metodologia ainda não atendia de maneira eficiente as reivindicações das comunidades surdas no Brasil e que apesar do uso de várias maneiras de se comunicar, ainda havia um grande problema em relação à escrita da pessoa surda e a confusão de maneiras de se comunicar, foi necessário que se criasse uma nova metodologia. Com isso surgiu o bilinguismo.

2.3.3 Bilinguismo

Para atender as reivindicações da própria comunidade surda surgiu o método denominado “Bilinguismo” que consiste no ensino da linguagem de sinais juntamente com o ensino da língua Portuguesa na modalidade escrita. No Brasil o bilinguismo é um dos métodos utilizados por varias instituições educacionais, na qual o aluno surdo aprende a Libras como língua de comunicação principal e o Português na modalidade escrita como língua secundaria. Sendo assim pode-se afirmar que:

> O Bilinguismo tem o grande mérito de divulgar e estimular a utilização de uma língua que pode ser adquirida espontaneamente pelos surdos, a língua de sinais, bem como sua cultura. Somente pela exposição a essa língua, a criança pode desenvolver-se linguística e cognitivamente sem dificuldade (GOLDFELD, 2002, p. 108).

Tal metodologia permite que dentro do âmbito escolar haja um interprete que traduzirá o ensino do Português oral para a Libras fazendo assim com que o aluno consiga compreender o assunto passado pelo professor, é importante frisar que no método Bilíngue o aluno surdo não é mais considerado com menos capacidade intelectual que os demais alunos, simplesmente o aluno surdo é uma pessoa que tem outra língua necessitando de um tradutor para que o mesmo obtenha o conhecimento, com isso também se quebra o mito de que a Libras é simplesmente gestos ou mímicas, pois a partir do momento que há uma tradução de uma língua oral para uma língua de sinais é necessário que essa língua de sinais seja tão estruturada quanto a língua oral, e tão complexa em seus significados quanto a língua falada.

A reivindicação por parte dos surdos pelo método bilíngue se dá pelo fato de que os mesmo reconhecem a sua língua oficial L1, mas também reconhecem que o Português é a língua brasileira, isto é, sabendo que as duas línguas são naturais do Brasil, os mesmo aprendem a Libras como L1 e o Português na modalidade escrita como L2.

É possível notar por parte de muitos ouvintes a ideologia de que a Libras é a Língua Portuguesa na modalidade gestual, essa ideia é errônea, pois a Libras é independente da Língua Portuguesa, obviamente há alguns empréstimos assim como todas as línguas emprestam palavras de outras línguas, tais empréstimos são comumente chamados de estrangeirismo, falando em relação a línguas de um país para o outro.

2.3.4 Pedagogia Surda

De todas as metodologias utilizadas no processo de ensino das comunidades surdas a mais aceita e desejada por todos é a Pedagogia Surda, pois a mesma visa um processo de educação na qual a pessoa surda será instruída por um professor surdo, isto é, não apenas que tenha o domínio da Libras, mas que o mesmo esteja inserido no contexto sociocultural surdo, sendo assim o professor surdo poderá

compartilhar conhecimentos da cultura surda e dos grupos sociais no qual o mesmo está inserido, com isso o aluno surdo terá um melhor aproveitamento escolar. Segundo Kalatai (2012, p. 15):

> A Pedagogia Surda surge com a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação do surdo, pois ela é uma metodologia que atende de uma forma satisfatória as especificidades do surdo, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito [...] A metodologia realmente desejada pelo povo surdo é a Pedagogia Surda, visto que as lutas destas pessoas giram em torno da constituição da subjetividade do jeito surdo de ser, ou seja, da construção de sua verdadeira identidade e consagração de sua cultura, e que só poderá ocorrer no encontro com seus pares.

Com isso, pode-se dizer que apesar de se haver professores ouvintes que dominem a Libras é necessário que o método de ensino do surdo seja baseado na pedagogia surda, isto é, que o conteúdo a ser ministrado seja construído pela comunidade surda juntamente com professores surdos visando não apenas uma tradução da cultura ouvinte para a língua de sinais, mas que a cultura surda seja valorizada no processo de ensino-aprendizagem da pessoa surda, pois segundo Vilhalva (2004) “Alfabetizar alunos com Culturas diferentes é um choque tanto para o professor ouvinte como para os alunos Surdos, por não entenderem de imediato o complexo linguístico da língua um do outro”.

Quando a metodologia utilizada na educação do surdo é baseada na língua portuguesa, fazendo-se apenas traduções pode-se dizer que a pedagogia utilizada no processo de ensino é denominada “Pedagogia oral-auditiva”, mas quando o conteúdo visa trazer o conhecimento associando-o a cultura surda, bem como a língua e os demais aspectos das comunidades surdas, é denominado “pedagogia surda”. Ainda conforme Vilhalva (2004, p. 10):

> Na educação infantil é importante que a criança surda tenha a oportunidade de interagir na Língua de Sinais com o Instrutor, pois terá o seu desenvolvimento linguístico de maneira natural. Quanto aos pais, na maioria ouvinte, é importante que os mesmos também sejam usuário da Língua de Sinais para que a criança seja independente e com essa conquista, ao chegar à fase da adolescência as noções das atividades de conviver entre Surdos e ouvintes já tenha maior esclarecimento e entendimento.

Quando o aluno surdo recebe o conhecimento através a pedagogia oral-auditiva o mesmo encontrará muita dificuldade em associar tais conhecimentos a sua cultura resultando em uma falha no processo de aprendizagem, sendo assim,

para que o ensino da pessoa surda se dê de maneira mais eficaz é importante que a pedagogia surda esteja presente desde o primeiro momento no qual a pessoa surda é inserida na escola, Almeida (2015) afirma que a criança deve estar em constante contato com a Libras, tanto por parte dos professores, quanto por parte da própria família, que mesmo sendo ouvinte deve adaptar-se a língua de sinais para a comunicação e para contribuir com a troca de conhecimento entre a criança surda e a família.

Quando se fala em pedagogia surda é importante frisar que o aluno surdo não é visto mais como alguém que tem menos capacidade intelectual, o aluno surdo em contato com a pedagogia surda desde a infância tem igual capacidade em concluir o processo de ensino, isto é, ensino fundamental, médio e superior; sabe-se que boa parte dos surdos que conseguiram chegar e concluir o ensino superior tiveram o apoio da família e foram educados de maneira eficaz, tendo como base educacional a pedagogia surda.

2.4 A LINGUÍSTICA E A LIBRAS

A Língua Brasileira de Sinais é tão estruturada quanto às demais línguas orais, com isso a mesma se torna objeto de estudo da Ciência que estuda a Linguagem, isto é, a Linguística. Tal ciência estuda aspectos comuns em diferentes línguas, por exemplo, a fonética, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

2.4.1 Aspectos Básicos da Linguística

Fonética e Fonologia - Conforme afirma Quadros e Karnopp (2004) “a unidade da fonética é o som da fala ou fone, enquanto a unidade da fonologia é o fonema”, com isso cada letra do alfabeto possui seu fonema e a junção desses fonemas dá origem às silabas, palavras, frases e textos oralizados. Ainda segundo Quadros e Karnopp (2004) “os fonemas são segmentos usados para distinguir palavras quanto ao seu significado, através dos traços distintivos.”. Nesse sentido pode-se afirmar que o fonema é a unidade sonora mínima, essa unidade mínima é responsável pela formação de unidades mais completas que por sua vez passam a ganhar significado. (MATEUS, 2001).

Morfologia - A morfologia por sua vez, tem como objeto de estudo a estruturação interna do léxico, sendo assim Margotti e Margotti (2011, p. 12) afirma que:

> Entre os diferentes níveis de análise linguística, que vão desde as unidades mais amplas do discurso, como as frases e as partes que a compõem, até as unidades menores, como os sons e as sílabas, há um nível intermediário que visa estudar as unidades da língua que apresentam certa autonomia formal, representadas concretamente pelas entradas lexicais nos dicionários, isto é, as palavras. Também é parte desse mesmo nível de análise o estudo das unidades de sentido que compõem as palavras. Trata-se do nível morfológico

A morfologia é "[...] a combinação entre os elementos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto à categoria de número, gênero, tempo e pessoa" (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 19). As palavras foram subdivididas em grupos como, por exemplo, substantivos, adjetivos, verbos, advérbios entre outros, a partir dessa subdivisão as palavras podem ser estudadas de maneira mais simples, a morfologia também estuda os sufixos e prefixos que dão origem a novas palavras.

Sintaxe - Na Sintaxe o objeto de estudo são as frases e sua estruturação. Kanthack (2011, p.5) afirma que:

> Tradicionalmente, sintaxe (do grego *syn-taxis* – ordem, disposição) corresponde a um dos níveis de análise de uma língua, que tem como objetivo principal descrever as regras responsáveis pela formação de uma sentença. Trata-se de uma das ramificações da Linguística que, ao lado da fonética, da fonologia, da morfologia e da semântica (disciplinas que compõem o chamado "núcleo duro" dessa ciência), se preocupa, basicamente, em compreender a organização e o funcionamento das estruturas e os diversos fenômenos gramaticais que caracterizam as línguas naturais.

Em outras palavras, pode-se dizer que a sintaxe é responsável pela correta colocação das palavras para a formação de frases. É notório que para toda língua existe uma sequência na qual as palavras são oralizadas ou escritas, se essa ordem for quebrada pode-se haver desde sentidos diferentes até a total incompreensão do que se deseja transmitir.

Se uma língua tem a ordem sintática mudada pode gerar uma dificuldade de interpretação, por exemplo, no português brasileiro a ordem natural básica das

frases é sujeito, verbo e objeto; sendo assim pode-se pronunciar uma frase seguindo a referida sequência que a mesma será compreendida com facilidade.

Semântica - A semântica é responsável pelo estudo do significado das palavras e das sentenças. Basso et al (2009) afirma que "para a Semântica, significado se restringe ao significado que as sentenças de uma língua têm, sem levar em consideração a intenção do falante. Mas, mesmo essa noção restrita precisa ainda ser melhor compreendida.", sendo assim a palavra ou sentença pode ter sentidos diferentes se analisadas pela semântica e pela pragmática; é correto afirmar que, segundo a semântica, as palavras e sentenças tem o significado e seu respectivo significante expostos nos dicionários e os mesmos são fixos.

Pragmática - A pragmática é responsável pelo estudo das palavras e sentenças conforme a compreensão no processo de comunicação levando em consideração não os significados fixos da semântica, mas a informação que se quis passar, que segundo Costa (2008, p. 4) são:

> [...] aquelas cujos valores semânticos dependem do contexto-de-uso. Dentro do seu modelo, a Pragmática e a Semântica deveriam ser equivalentes em sua metodologia, ampliando-se, apenas, ao nível semântico, a noção de mundo possível para ajustar-se à de contexto-de-uso, mantendo-se as diferenças entre ambos os conceitos.

Sendo assim pode-se dizer que o sentido da sentença é variável, conforme a língua usual com sua diversidade de variações, por exemplo, quando se está em uma sala com o ar condicionado ligado pode se dizer as seguintes palavras:

a. desligue o ar condicionado.

b. está muito frio.

Na sentença, percebe-se que literalmente é feito um pedido, pode-se compreender semanticamente que todas as palavras estão com seu significado natural conforme o dicionário, com isso pode-se interpretar literalmente o que foi falado. Na sentença b se for analisado semanticamente não será encontrado o verdadeiro sentido, pois segundo a semântica tal frase apenas esta transmitindo uma ideia de sentir frio, porém se a mesma for analisada levando em consideração a pragmática, encontrar-se-á o verdadeiro sentido da expressão, e perceber-se-á que as duas sentenças têm a mesma intenção.

2.4.2 Estudos Linguísticos da Libras

Fonologia da Libras - Assim como as línguas orais podem ser descritas através da fonologia, as línguas de sinais também têm aspectos fonológicos que se dão de maneira diferenciada, portanto, pode-se dizer que:

> Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico (QUADROS; KARNOPP, 2004, p .47).

A fonologia das línguas orais apresentam os fonemas de maneira sucessiva, na qual a junção dos mesmos formam-se as sílabas, palavras e frases. A fonologia das línguas de sinais se dá através das unidades mínimas que por si só não tem significado, por exemplo, a configuração de mão (CM), o movimento da mão (M) e o local onde a mão está no momento do sinal (L), sendo estes os fonemas básicos, os mesmos são responsáveis pelas formações das palavras na Libras, assim como os fonemas sonoros sucessivos são responsáveis pelas línguas orais.

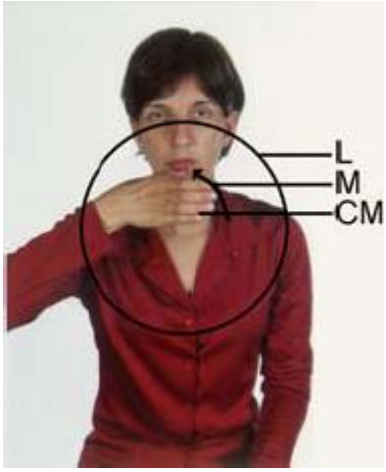

Foto 2 – Fonemas da Libras: Quadros e Karnopp (2004).

Os fonemas associados formam as primeiras sentenças com significado, varias sentenças tem uma relação de proximidade ou até mesmo de semelhança fonológica com outras, assim como na Língua Portuguesa a palavra “pato” e a palavra “gato” se diferem apenas pela letra inicial, ou da palavra “manga” que representa a fruta com a palavra “manga” que representa a parte de uma camisa, na

Libras também há sinais semelhantes para representar objetos diferentes e a sinais que se diferem, mas contem uma certa semelhança entre os mesmos.

Podem-se citar para tal comparação os sinais de sábado e aprender, os dois sinais em Libras tem a mesma configuração de mão e o mesmo movimento, porém os dois ocorrem em locais diferentes, o sinal de sábado tem por locação a frente da boca enquanto o sinal aprender tem por locação a testa. Ainda há os sinais que tem mais de um significado igual à Língua portuguesa, por exemplo, o sinal do dia da semana “sábado” e o sinal da fruta e cor “laranja” são semelhantes, isto é, o mesmo só é diferenciado através do contexto no qual o mesmo será utilizado.

Quadro 1 – Lista de movimentos não manuais

Cabeça Movimento Ascendente de Cabeça Movimento Descendente de Cabeça Movimento Negativo de Cabeça (não) Movimento Positivo de Cabeça (sim)
Rosto Boca Aberta Boca Articulada Bochecha Inflada Bochecha Inflada Associada ao Sopro Bochechas Sugada Direção do Olhar Lábios e Bochechas em Sopro Lábios Embicados Língua Sibilante Olhos Arregalados Olhos Fechados Olhar no Interlocutor Testa e Sobrancelhas Arqueadas Testa e Sobrancelhas Franzidas
Corpo Inclinação de Corpo para frente Inclinação de Corpo para trás Mudança de Posição do Corpo

Há alguns aspectos que também influenciam na formação das palavras e sentenças na Libras, esses aspectos são: a expressão não manual (ENM) e a orientação de mão (Or). As expressões não manuais são divididas basicamente em Expressões de cabeça, de rosto e de corpo. A tabela abaixo tem algumas das

expressões não manuais mais comuns conforme Quadros e Karnopp (2004) e Araújo (2013).

Morfologia da Libras - A morfologia difere-se da fonologia, pois a fonologia tem por sua unidade mínima elementos que não tem significado por si próprio e a morfologia tem por unidade mínima o morfema que por sua vez é a unidade mínima com significado, segundo Quadros, Pizzio e Resende (2009, p. 12) “as línguas de sinais mostram grande similaridade em suas estruturas morfológicas. Todas as línguas de sinais já estudadas apresentam as mesmas particularidades em sua complexa morfologia”.

Nas línguas orais os morfemas denominados prefixos e sufixos são comumente encontrados associados a morfemas livres formando novos léxicos, por exemplo, a palavra “feliz” ao acrescentar-se o morfema “in” forma se a palavra infeliz, percebe-se que o morfema “in” por si próprio não tem significado, porém o mesmo é utilizado na formação de varias outras palavras, se a mesma palavra for unida ao morfema “mente” formar-se-á a palavra “felizmente”. Na Libras também há um processo de formação de palavras assim como há possibilidade de se criar neologismos. Desta forma os morfemas ajudam a determinar o significado das palavras, por exemplo, a palavra azul, em Libras pode ser sinalizada inicialmente com a configuração de mão A, tendo por locação o lado superior direito, a mesma executa um movimento descendente e a configuração muda de A para L.

Para Ferreira *et al* (2011, p. 10) alguns sinais de Libras possuem apenas uma configuração de mão, um movimento e uma locação (L), outras são mais complexas; assim como nas línguas orais existem palavras pequenas que contem significado e palavras grandes, a Língua de Sinais Brasileira também tem um amplo acervo lexical contendo sinais simples e complexos.

Sendo assim, pode-se dizer que a libras, assim como as línguas orais possuem agrupamentos de palavras denominados substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes entre outros, e que a formação de palavras se dá através da junção de sinais, por exemplo, o sinal de zebra é formado com o sinal de cavalo e a adição do sinal listra; o sinal de escola é formado com o sinal casa e adiciona-se o sinal estudo, esses são alguns dos vários exemplos da morfologia da Libras.

Sintaxe da Libras - Para Quadros, Pizzio e Resende (2008) “Sintaxe é a área de estudo que analisa a combinação das palavras para a formação de estruturas maiores”, isto é, as frases. Na Língua Portuguesa as frases são criadas seguindo uma estrutura sucessiva, na qual há um padrão regular, por exemplo, a frase “o menino vai à escola” é formada inicialmente pelo artigo definido masculino “o”, em seguida o substantivo comum masculino “menino” que é o sujeito da oração, por conseguinte o verbo “ir” conjugado na terceira pessoa do singular “vai”, a preposição “à” que indica a junção da preposição “a” com o artigo “a” e por fim o substantivo “escola” que é o objeto; percebe-se que há uma ordem na disposição das palavras, sendo que, se essa ordem for quebrada resultará na dificuldade de compreensão do que se deseja transmitir.

Pode-se dizer então que o padrão sequencial da Língua Portuguesa é o SVO, sendo que, S é o sujeito, V é o verbo e O é o objeto. Á Libras é uma língua visuoespacial, isto é, a mesma é expressa através de sinais manuais e expressões corporais que são associadas aos sinais de mão dando complemento ao que se quer transmitir, tal sentença é percebida visualmente seguindo uma complexa regra sintática, com isso não se pode apenas saber os sinais da Libras, é necessário que se saiba a ordem gramatical sintática e a colocação espacial do sujeito e objeto assim como os verbos que podem ser flexionados.

Segundo Ferreira-Brito (1997) apesar da Libras ser uma língua visual espacial, a mesma segue o padrão SVO sendo assim, o mesmo afirma que em casos de verbos flexíveis a ordem SVO é a mais comum, porém segundo Quadros e Karnopp (2004) existem outras maneiras de se construir frases em Libras além do SVO essas informações estão contidas no quadro abaixo.

Quadro 2 – Ordem sintática e restrições segundo Quadros e Karnopp (2004).

Ordem sintática	**Restrições de uso**
SVO	
OSV	X
SOB	X
VOS	X

No quadro acima é possível notar a ordem em que as palavras são colocadas para se formar sentenças na Libras, sendo assim a ordem mais usada e na qual não há restrições de uso é a ordem “sujeito, verbo, objeto” colocada em primeiro lugar no referido quadro.

Semântica da Libras - A semântica estuda o significado das palavras, levando em consideração sua formação fonológica e morfológica, sendo assim percebe-se que é necessário que haja uma interação entre todas as áreas básicas da linguística para dar sentido tanto a palavra por si própria, quanto à frase.

Para Lima e Cruz (2014) a semântica pode ser entendida como o “estudo do significado que estuda conceitos/significados de palavras dentro de um dado contexto” sendo assim a mesma ignora o contexto situacional focando-se no significado literal.

Na Libras a semântica pode ser estudada por dois aspectos, os sinais e a datilologia que é utilizada para transferir palavras da Língua Portuguesa para a Libras, os sinais são dados de maneira regular, sendo que cada sinal tem seu respectivo significado, por exemplo, se uma pessoa esta em uma sala que tem um ar-condicionado, ou um ventilador, porém o mesmo está desligado e essa pessoa sinaliza calor, segundo a semântica a mesma está apenas, transmitindo uma informação, isto é, a semântica é literal, com isso a mesma trata o significado levando em consideração a palavra ou a frase. Para que a pessoa seja compreendida é necessário que a mesma sinalize um pedido para alguém ligar o ventilador ou ar-condicionado.

Pereira (2016, p. 20) afirma que a semântica estuda o

> [..] conceito e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto. Dentro deste campo de estudo se explora, as mudanças de sentido que ocorrem nas formas linguísticas devido a alguns fatores, tais como tempo e espaço geográfico

Sendo assim pode-se dizer que o objeto de estudo da semântica é o significante e o seu respectivo significado, nas línguas orais o significante é a formação da palavra através do alfabeto e seus respectivos fonemas, na Libras o significante pode ser entendido como os sinais. Para Marta (2005) o significante e o significado criam uma relação denominada “significação”, sendo assim, o significante não pode existir sem o significado e vice-versa. Em outras palavras pode-se dizer que o significante é aquilo que se escreve, se ouve ou se vê (relacionado às línguas de sinais) e o significado é o conteúdo desse significante.

Na língua portuguesa a palavra “escola” tem como significante as letras (e,s,c,o,l,a) que unidas formam a palavra escola que por sua vez ganha um

significado; se os signos linguísticos não forem colocados de maneira correta não haverá significante e consequentemente não haverá significado. Na Libras a palavra escola tem como significante uma sequência de sinais que formam dois sinais (casa e estudo), tais sinais unidos formam o sinal de escola; que assim como na língua portuguesa representa um local usado para o ensino-aprendizagem.

Pragmática da Libras - A Libras assim como todas as línguas pode ser analisada pela pragmática, que observa o significado da palavra ou sentença levando em consideração os participantes da conversa, assim como sua cultura e outros conhecimentos que fazem parte do contexto, pode-se dizer que a pragmática envolve todas as demais áreas da linguística, isto é, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. A mesma analisa a sentença e define o que realmente está tentando ser demostrado através da mesma.

Para Renner (2016) a pragmática “faz análise do significado extralinguístico”, ou seja, “aquele que diz respeito às associações que uma expressão linguística trás consigo”.

Sendo assim a comunidade surda tem em seu acervo lexical inúmeras expressões que podem ser estudadas pela pragmática; por exemplo, em uma situação que alguém entra em uma sala e esquece a porta aberta, então a pessoa que está dentro da sala diz que a porta está aberta, essa informação não é apenas para que a pessoa que entrou veja que a mesma esqueceu a porta aberta, mas há um pedido implícito nessa frase, existem vários outros exemplos como esses que descrevem o constante uso de mensagens implícitas nas quais é importante ser observado o contexto, a cultura e outros aspectos, além de ser levado em consideração a analise pragmática ao invés da analise semântica.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Visando avaliar o nível de conhecimento da comunidade escolar acerca da Libras e ao mesmo tempo contribuir com a comunidade escolar optou-se inicialmente pela pesquisa bibliográfica que de acordo com Fonseca (2002) trata-se de conteúdos publicado por meios eletrônicos ou escritos, a qual tem por objetivo fazer o pesquisador aprofundar-se sobre algo que já foi estudado anteriormente, sendo assim a pesquisa bibliográfica tem o intuito de dar base ao trabalho científico.

O presente estudo tem como base a pesquisa-ação. Segundo Gerhardt (2009) “Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa.” Sendo assim tal pesquisa busca além de analisar o processo educacional no qual a pessoa surda esta inserida e ao mesmo tempo, sendo pesquisa-ação, levar ideias práticas para se amenizar tal problemática, pois na pesquisa ação:

> O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação trás consigo uma serie de conhecimentos que serão substratos para a realização da sua analise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram (FONSECA, 2002, p. 35).

Deste modo a pesquisa ação se dá através de projetos implantados, com isso o pesquisador através desses projetos aplica a pesquisa e além de coletar informações, o mesmo pode sugerir e até mesmo intervir em relação ao que for pesquisado.

3.2 LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa-ação ocorreu na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Emanuel, situada na Comunidade Agrovila Nova Esperança, a 18 quilômetros do município de Trairão, Rodovia BR 163, localizada na zona rural do município de Itaituba. Iniciou sua trajetória no dia 3 de fevereiro de 1976, sendo

inicialmente denominada de Escola Estadual MEC/SEDUC; a mesma iniciou seu funcionamento em uma casa com telhado de palha o qual foi cedido e ao mesmo tempo construído por Ademar Moura, onde a Sr.ª Diva Franqui Moura ministrou aula durante dois anos, tendo que se afastar por motivos de saúde.

Em seguida a professora Maria José Tavares dos Santos deu continuidade ministrando aulas em outro local construído pelo governo em um terreno cedido por Valdevino Martins Soares, fazendeiro local. Pouco tempo depois a escola mudou-se para outro local, pois os moradores haviam se unido e fundado a comunidade denominada “Agrovila Nova Esperança”, com essa mudança a Sr.ª Zuleide Bezerra da Silva passou a ministrar aulas em multisseriado da 1ª a 4ª serie (2º a 5º ano).

A referida escola recebeu o nome Emanuel Nunes *in memorian* do morador da comunidade que contribuiu doando o terreno no qual a escola foi construída e funciona até o atual momento.

A escola passou por um processo de adaptação no qual foi construído secretaria, diretoria entre outras salas, nesse mesmo período a mesma passou a ofertar o ensino fundamental maior, isto é, da 5ª série à 8ª serie (6º ao 9º ano). As escolas da proximidade eram anexas a Escola Emanuel Nunes. A mesma foi uma das pioneiras a passar por vistorias do MEC, que apesar de estar com toda documentação regular, não tinha capacidade física para funcionar o ensino fundamental maior, com isso o MEC deu um prazo para a escola se regulamentar. Na gestão do prefeito Valdeci José de Matos devido a motivos desconhecidos tal regulamentação não ocorreu tendo então a necessidade de anexar a referida escola com a Escola Dep. Everaldo Martins no Município de Trairão.

A Escola Emanuel Nunes foi fundada com o intuito de levar o ensino as crianças da redondeza visto que tal região estava recebendo muitos imigrantes vindos de todas as regiões do Brasil. Sendo necessário que se assegurasse a educação aos filhos desses imigrantes que estavam desbravando as regiões da BR 163.

Em 1990 o município de Trairão emancipou-se tornando se independente de Itaituba, com isso a Escola Emanuel Nunes passou a ser direcionada pelo novo município. No fim do ano de 2011 até o inicio de 2012 a escola passou por uma reforma e ampliação com o intuito de regulamentá-la dentro dos padrões do MEC. A mesma foi adaptada com rampa, corrimão, banheiro com barra de apoio e portas

mais acessíveis, sendo assim a escola estava capacitada a receber alunos do ensino fundamental maior e alunos com necessidades especiais.

Pela parte da manhã funcionam cinco salas de aula com diversas turmas do ensino fundamental menor, pela parte da tarde funcionam quatro salas com alunos do ensino fundamental maior e pela parte da noite funciona a EJA – Educação de Jovens e Adultos. A escola é atualmente administrada pela Professora Linacilda Ferreira Correia

A escola mencionada possui 02 pavilhões, 05 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 biblioteca, 01 cozinha, 01 despensa dentro da cozinha, 03 banheiros (sendo 01masculino, 01 feminino e 01 adaptado para deficientes físicos), 01 banheiro para professores e uma quadra poliesportiva, sendo murada na parte da frente e cercada nas laterais e na parte de trás. Atualmente, atende 125 alunos, ofertando Educação Infantil e Ensino Fundamental.

3.3 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 02 professores e 02 serventes na faixa etária entre 29 e 37 anos. O convite feito aos docentes e funcionários de maneira geral para participação foi efetuado por meio convite oral e escrito.

As duas professoras e as duas serventes são do sexo feminino, uma das professoras é do maternal e a outra professora do segundo ano do ensino fundamental.

Dos alunos que participaram todos eram do ensino fundamental, sendo 03 do segundo ano, 02 do terceiro ano, 07 do quarto ano, 07 do quinto ano, 06 do sexto ano, 04 do sétimo ano, 02 do oitavo ano e 01 do nono ano; na faixa etária entre 08 e 16 anos. Além de funcionários e alunos o projeto contou com a participação de 06 comunitários na faixa etária entre 21 a 38 anos. No total foram 42 participantes.

3.4 COLETAS DE DADOS

A coleta de dados teve inicio a partir da autorização da SEMED para a aplicação do projeto “LIBRAS: um projeto para as escolas de ensino fundamental”, a aplicação do mesmo iniciou-se no mês de setembro, sendo que o mesmo ocorreu

nos dias de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira no horário da manhã e nos dias de quarta-feira pela parte da tarde.

Os alunos matriculados pela parte da manha no ensino regular participaram do curso na parte da tarde, enquanto os alunos da tarde participaram pela manhã, a participação de funcionários e comunitários ficou a critério de cada um, sendo que um comunitário preferiu participar pela manhã e os demais participaram pela tarde.

O projeto teve dois meses de duração, sendo que na primeira semana frisou-se o aprendizado da história da Libras e da educação do Surdo. Os alunos eram avaliados regularmente no final de cada dia de projeto para analisar o aprendizado do conteúdo exposto. No inicio de cada aula era feito uma frequência para registrar a presença de cada participante.

A pesquisa-ação foi dividida em sete semanas sendo que em cada uma delas foi abordado um conteúdo diferenciado, na primeira semana foi abordado o tópico “Histórico da LIBRAS”, na segunda semana foi abordado o conteúdo “Datilologia”, na terceira semana foi abordado “Inclusão” na quarta semana iniciou-se o aprendizado dos conjuntos de sinais diversos sendo apresentado inicialmente o conjunto denominado “Sinais 1”, quinta semana “Sinais 2”, sexta semana “Sinais 3” e sétima semana “Sinais 4”.

A aplicação da referida pesquisa se deu através de palestras e aulas práticas, sendo que boa parte do projeto ocorreu na área aberta da Escola Emanuel Nunes. O professor optou por aplicar o projeto de maneira dinâmica na qual regularmente era feito um grande círculo em que todos pudessem observar tanto o professor, quanto os demais alunos; os mesmos também tinham a oportunidade de praticar os sinais aprendidos e tirar suas dúvidas. As demais aulas aplicadas dentro de sala de aula, pois em algumas ocasiões foi necessário o uso do quadro.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 RELATO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

O projeto denominado “LIBRAS: um projeto para a comunidade escolar” serve como método a ser aplicado em diversas escolas, podendo ser adaptado às necessidades específicas de cada instituição, partindo desse pressuposto o mesmo pode ser entendido como uma proposta de métodos que foram eficazes no processo de ensino-aprendizagem do aluno ouvinte, assim como a comunidade escolar de maneira geral a compreender a Língua natural da pessoa Surda e a aprenderem a se comunicar de maneira eficiente com os mesmos, ou seja, pode-se dizer que os objetivos traçados no referido projeto foram alcançados de maneira satisfatória.

Foto 3 – Alunos reunidos para o projeto. Fonte: Nunes (2017).

Nesse contexto o referido projeto foi aplicado na Escola Emanuel Nunes no mês de setembro e outubro do ano de 2017, enquanto, privilegiou os alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental além de funcionários e comunitários, o mesmo teve por finalidade primeiramente fazer os participantes compreenderem o processo de inclusão através da Libras e capacita-los a se comunicarem através dessa língua, para isso o projeto contou com um cronograma de aplicação o qual foi dividido em sete etapas, sendo que cada etapa durou uma semana.

01- Primeira etapa

Essa etapa visou fazer os participantes compreenderem aspectos básicos da Língua Brasileira de Sinais assim como o histórico da mesma. O primeiro dia de projeto ocorreu segunda-feira dia 04 de setembro; inicialmente foi explanado sobre o termo Libras e o seu significado, em seguida foi explicado sobre a gramática da Libras e porque ela é uma língua tão estruturada quanto as demais línguas. Nesse momento, os alunos tiveram a oportunidade de tirarem suas dúvidas acerca das Línguas de sinais, também foi explicado sobre o termo correto de denominar a pessoa surda, pois os mesmos usavam o termo “mudo” para denominar o sujeito surdo.

No segundo dia de projeto, mais precisamente dia 06 de setembro foi apresentada a história da Língua Brasileira de Sinais e da educação da pessoa surda no mundo em diferentes períodos foi exposto aos participantes a respeito dos surdos na era antiga e o modo que os mesmos eram tratados. Em seguida foi explicado o processo de surgimento da Libras no Brasil com a vinda do professor francês Hernest Huet, ou seja, a Libras tem forte influência da Língua Francesa de Sinais, foi explanado sobre a luta da comunidade surda para que sua língua ser reconhecida e respeitada e para que o aluno Surdo pudesse ter um interprete dentro da sala de aula para ajudá-lo a compreender os diversos assuntos passados pelos professores.

No terceiro dia do projeto falou-se sobre as leis que asseguram o ensino do aluno-surdo tendo um interprete, além de disponibilizar a Libras como disciplina na grade curricular do ensino superior, o projeto se deu de maneira dinâmica, na qual foi formado um circulo e cada aluno tinha a oportunidade de tirar suas dúvidas acerca da Libras, além de serem quebrados conceitos pré-concebidos acerca da pessoa surda e sua língua.

02- Datilologia

A segunda semana de projeto iniciou-se com a datilologia. Inicialmente foi explicado acerca da diferença entre a Libras e a Língua Portuguesa, e que as duas são línguas diferente, isto é, que a Libras não é a Língua Portuguesa em sinais, nesse momento os alunos puderam compreender a autonomia da língua de sinais,

após serem esclarecidas algumas dúvidas dos participantes sobre a Libras e a Língua portuguesa, iniciou-se a apresentação do alfabeto manual, isto é, a datilologia.

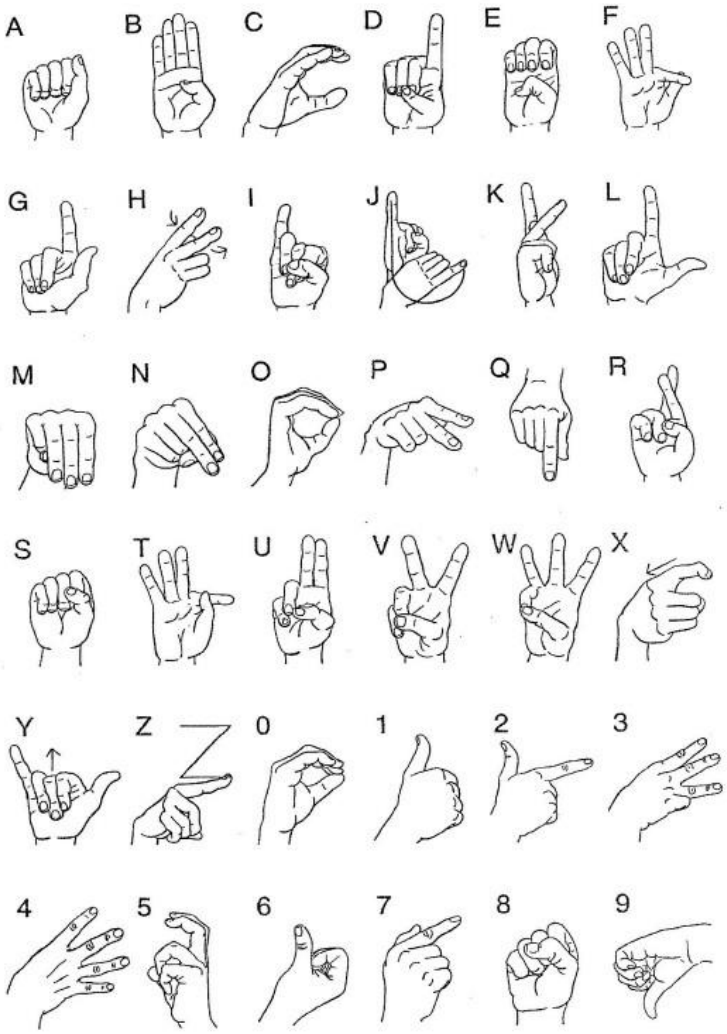

Figura 3 – Datilologia. Fonte: Br.pinterest.com (2017).

A exposição da datilologia se deu nos dias 11, 13 e 15 de setembro, isto é, na segunda semana do projeto para que os participantes pudessem aprender de maneira eficaz. No primeiro dia da referida semana foram passadas as dez primeiras letras do alfabeto e em seguida foi dado um tempo para que todos pudessem aprender os sinais propostos. Foram formados pequenos grupos no intuito de facilitar a prática dos sinais aprendidos, após a prática foi dado a oportunidade para cada participante apresentar seu nome em Libras usando a datilologia, com a prática da datilologia os alunos começaram a trocar informações e a soletrar palavras diversas usando o conhecimento adquirido.

Foto 4 – Alunos aprendendo datilologia. Fonte: Nunes (2017).

No segundo dia foram passadas mais dez letras e também foi dado um tempo para todos praticassem as letras aprendidas, no terceiro dia foram passadas as seis últimas letras do alfabeto e os números, sendo que em Libras há duas maneiras de se dizer os números, existem os sinais de quantidade e os sinais de numerais.

Foi explicada a diferença entre as duas maneiras de se sinalizar para que os alunos e demais participantes soubessem a diferença e pudessem desenvolver seu acervo lexical em Libras, em seguida foram ensinados alguns sinais básicos de como dizer o nome e a idade, em sequência foi proposto uma atividade prática na qual todos os participantes sinalizaram seus nomes e idades.

03- Inclusão

Na terceira semana de projeto, isto é, nos dias 18, 20 e 22 de setembro foi abordado sobre o processo de inclusão, sobre o processo ideal e o processo real. O processo ideal é a inclusão expressa nas leis, na qual o aluno surdo tem uma serie de direitos, sendo o bilinguismo adotado como método de educação garantida pelas leis, todavia a inclusão real é diferente, pois muitos alunos surdos são inseridos nas escolas regulares, mas não há uma estrutura em termos de equipamentos e recurso humano capacitado a trabalhar com o mesmo, sendo assim o que ocorre em várias escolas é a simples inserção do aluno surdo, o mesmo estuda todo o ensino

fundamental, entretanto não tem um bom desempenho por falta de capacitação da escola e em boa parte dos casos o aluno acaba desistindo.

Os alunos e participantes do projeto perceberam a necessidade de a escola estar preparada para receber o aluno com necessidades especiais e a importância de se capacitar com a Libras, não apenas os professores, mas toda a comunidade escolar.

Foto 5 – Professor explicando sobre a inclusão. Fonte: Nunes (2017).

04 - Sinais 1

Na quarta semana de projeto, nos dias 25, 27 e 29 de setembro iniciou-se o aprendizado de sinais diversos, na segunda feira, dia 25, foi apresentado aos alunos o conjunto de sinais que o mesmo denominou “Sinais 1”, sendo composto por oito subconjuntos de Sinais, o primeiro subconjunto de sinais foram os cumprimentos, com isso os participantes aprenderam a se cumprimentarem em Libras, alguns dos cumprimentos aprendidos foram: bom dia, boa tarde, tudo bem, bem vindo, obrigado, desculpa, entre outros.

O segundo subconjunto aprendido foram os verbos, os alunos aprenderam a usar os verbos para criarem as primeiras frases. Ainda na segunda-feira foi apresentado o terceiro subconjunto formado pelos dias da semana, após a

apresentação dos três subconjuntos de sinais os alunos foram divididos em duplas para praticarem os sinais aprendidos.

Foto 6 – Alunos sinalizando. Fonte: Nunes (2017).

Na quarta-feira, dia 27, foi feito uma revisão dos sinais aprendidos e deu-se continuidade com o aprendizado do conjunto de sinais Libras 1. Os subconjuntos foram os meses do ano, as cores e as partes do corpo humano, após o aprendizado os alunos tiveram um tempo para praticarem os sinais aprendidos. Na sexta-feira, dia 29, foram apresentados os dois últimos subconjuntos de sinais do conjunto Libras 1 sendo respectivamente, subconjunto 7 denominado pessoas e família e subconjunto 8 roupas, após o aprendizado do primeiro conjunto de sinais o professor juntamente com os participantes puderam praticar os sinais aprendidos com uma atividade na qual todos tiveram a oportunidade de criar uma frase em Libras.

05- Sinais 2

Na quinta semana do projeto nos dias 02, 04 e 06 de outubro os participantes puderam fazer uma revisão de todo conteúdo aprendido, após a revisão os mesmos prosseguiram entrando no conjunto de sinais denominado “Sinais 2” que era composto pelos subconjuntos denominados: Objetos de uso pessoal, Objetos escolares, Casa, Móveis, Objetos de casa, Maquinas, Animais e aves. Na segunda-

feira, dia 02, o foi apresentado os sinais dos objetos de uso pessoal, objetos escolares e partes da casa, todos os alunos tiveram a oportunidade de aprender os sinais propostos e praticarem formando pequenos grupos para exercita-los, sempre que necessário os alunos tiravam suas dúvidas com o professor.

Foto 7 – Aprendendo novos sinais. Fonte: Nunes (2017).

Na quarta-feira, dia 04, foram apresentados os sinais de móveis, objetos de casa e máquinas, além de fazerem uma breve revisão dos sinais aprendidos anteriormente; o professor falou sobre a gramática básica da Libras, mostrando a configuração básica da formação de frases, sendo assim os alunos aprenderam a criar pequenas frases e exercitar esse conhecimento com os colegas.

Na sexta-feira, dia 06, focou-se no aprendizado dos sinais de animais e aves, após o aprendizado dos respectivos sinais os alunos tinham um tempo para praticarem os sinais aprendidos. O professor apresentou aos alunos uma música para ser aprendida, também mostrou alguns vídeos de pessoas que tem a Libras como sua língua L1, os alunos puderam perceber como se dá a comunicação através da Libras chegando à conclusão de que a mesma é tão estruturada quanto as línguas orais. Para finalizar a aplicação do projeto no respectivo dia foi proposto que os alunos fizessem uma apresentação em Libras, na qual cada um falou seu nome, idade, o que mais gosta e o que menos gosta. Os alunos foram incentivados

a praticarem o conhecimento adquirido através de exercícios práticos, para a fixação do conhecimento.

06- Sinais 3

A penúltima semana, mais precisamente nos dias 09, 11 e 13 de outubro, foi composta pelos seguintes sinais: Insetos, Alimentos, Doces, Frutas, Bebidas, Natureza, Matérias e Esportes. O conjunto destes sinais foi denominado “Sinais 3”.

Na segunda-feira, dia 09, foram apresentados aos participantes do projeto os três primeiros subconjuntos de sinais, isto é, Insetos, Alimentos e Doces; foi dada a oportunidade para cada participante formar uma frase em sua mente e expressá-la em Libras, também foi apresentado aos participantes os Sinais da oração “Pai nosso”.

Foto 8 – Aluno criando frase em Libras. Fonte: Nunes (2017).

Na quarta-feira, dia 11, os alunos aprenderam os sinais dos Subconjuntos denominados: Frutas, Bebidas e Natureza. Após o aprendizado os alunos tinham a oportunidade de praticarem os sinais aprendidos com os demais participantes. Na sexta-feira, dia 13, os participantes aprenderam os sinais de matérias da natureza e os sinais de vários tipos de esporte, após aprenderem os respectivos sinais os alunos praticaram os mesmos com o intuito de fixarem o aprendizado, além disso, os alunos revisaram os assuntos aprendidos anteriormente, o professor incentivou os alunos a sempre praticarem os sinais, pois sem a prática não há possibilidade de aprender uma língua tão complexa.

Foto 9 – Professor ensinando sinais. Fonte: Nunes (2017).

Nessa etapa todos os alunos já tinham conhecimento da Libras, sendo assim, foi falado sobre algumas ideias que são disseminadas, entretanto são apenas mitos, por exemplo, que a Libras é composta por mímicas, que a Libras é o Português na modalidade sinalizada, que a Libras é menos estruturada que as línguas orais, entre outras ideias errôneas; foram esclarecidas muitas das dúvidas dos participantes do projeto.

07- Sinais 4

Na última semana, nos dias 16, 18 e 20, os alunos aprenderam o último conjunto de sinais denominado “Sinais 4”, o mesmo foi composto pelos seguintes subconjuntos: Profissões, Comércio, Brinquedos, Jogos, Instrumentos musicais, Transportes, Ferramentas e Armas. Na segunda-feira, dia 16, foram aprendidos os três subconjuntos iniciais, isto é, Profissões, Comércio e Brinquedos; os alunos também iniciaram o aprendizado dos sinais de uma música denominada “Pai nosso” após alguns minutos cada participante teve a oportunidade de criar alguma frase aleatória e apresenta-la aos seus colegas, que por sua vez interpretavam o que o mesmo tinha sinalizado.

Na quarta-feira, dia 18, os alunos aprenderam os sinais de jogos, instrumentos musicais e meios de transporte, após o aprendizado os alunos tiveram um tempo para praticarem os sinais aprendidos e exercitarem a música aprendida, assim como no dia anterior os alunos tiveram um tempo para demostrarem aos seus colegas o aprendizado adquirido, os mesmos tinham a oportunidade de apresentar aos colegas alguma frase criada pelos mesmos.

Na sexta-feira, dia 20, os alunos aprenderam os dois últimos subconjuntos do último conjunto de sinais, isto é, as ferramentas e armas. Após o aprendizado os alunos tiveram um tempo para praticarem os sinais aprendidos. No fim do projeto os participantes foram incentivados a continuarem aprendendo a Libras. Após concluírem o projeto com êxito, todos os participantes receberam certificados de participação nas cargas horarias de 20, 40 e 80 horas. Cada certificado foi distribuído conforme a frequência de cada participante no projeto.

Foto 10 – Alunas recebendo certificado. Fonte: Nunes (2017).

Notou-se no final do projeto que a Libras não era mais uma língua desconhecida pelos alunos e comunitários, ou apenas uma disciplina teórica aplicada aos docentes, nos seus anos de estudo, sendo assim pode-se afirmar que os resultados obtidos através da referida pesquisa foram aceitáveis, pois os mesmos alcançaram os objetivos selecionados. Sendo assim, o referido projeto levou os alunos a refletirem sobre o processo de inclusão através da comunicação e o aprendizado de uma língua visuoespacial.

Com isso tanto os alunos quanto os demais participantes do referido projeto encontram-se capacitado a contribuir para o processo de inclusão do aluno surdo, tornando a comunicação e o aprendizado mais prazeroso. É importante ressaltar que o processo de comunicação é indispensável para a aquisição de conhecimento e quando a comunicação ocorre de maneira completa, isto é, sem duvidas ou incompreensões pode-se dizer que tanto o aluno surdo quanto o aluno ouvinte terão um melhor desempenho.

5 CONCLUSÃO

Na atualidade muito tem se falado a respeito da Língua Brasileira de Sinais, entretanto percebe-se que boa parte dos centros educacionais encontra-se desprevenida de recursos que propiciem uma recepção adequada do aluno surdo. É notório que os educadores já ouviram falar da Libras, alguns até tiveram contato com a mesma nas universidades e faculdades, todavia quando o aluno surdo entra em uma instituição na qual a comunidade escolar encontra-se despreparada para recebe-lo, percebe-se que o desenvolvimento escolar do mesmo é afetado.

Sendo assim, o projeto “LIBRAS: um projeto para as escolas do ensino fundamental” mostrou-se uma excelente ferramenta para a capacitação da comunidade escolar, não apenas para receber o aluno surdo, mas interagir com o mesmo, com isso o referido projeto trouxe benefício para todos os participantes, pois os mesmos puderam aprender aspectos básicos de uma nova língua que também é uma língua oficial no Brasil, além de participarem do processo de inclusão através da língua, levando a afirmativa de que a inclusão está intimamente ligada à língua.

A escola é um campo fértil para a aplicação de projetos que visam à capacitação da comunidade escolar de maneira geral incentivando e ao mesmo tempo contribuindo para o desenvolvimento da educação e a inclusão, pois é notório que o processo de inclusão do aluno surdo se dá através da Libras, ou seja, é necessário que a comunidade escolar esteja capacitada a receber o aluno surdo.

Além disso, com a aplicação do projeto de Libras evidenciou-se um grande interesse por parte de alunos, professores, demais funcionários e a comunidade em conhecer a Língua de Sinais Brasileira. O referido projeto contribuiu para o desenvolvimento educacional dos alunos, pois, através de uma nova língua pôde-se aprender inúmeros conceitos diferentes, além de aprofundarem os conhecimentos já obtidos; com o aprendizado da datilologia os alunos e demais participantes puderam exercitar a formação das palavras tanto na Libras, quanto na Língua portuguesa.

Após a aplicação do referido projeto verificou-se que o mesmo pode ser usado e adaptado para a aplicação em outras escolas e instituições de ensino visando a capacitação das comunidades escolares de maneira geral a adaptarem-se a aprender a Libras e facilitar o processo de comunicação com o aluno surdo, ademais o acréscimo de conceitos interdisciplinares resultarão, além do aprendizado da Libras, em um enriquecimento no aprendizado das demais disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. J. F. **Libras na Formação de Professores: Percepções de Alunos e da Professora**. Dissertação (Mestrado) Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012.

ALMEIDA, W. G. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus – BA: Editus, 2015.

ARAUJO, A. D. S. **AS EXPRESSÕES E AS MARCAS NÃO MANUAIS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**. Dissertação (Mestrado) Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

BASSO, R. M.; SOUZA, L. M. de; OLIVEIRA, R. P. de; TAVEIRA, R. **Semântica**. Florianópolis: UFSC, 2009.

BERNARAB, L.; OLIVEREIRA, C. S. **ESTUDO DA LÍNGUA BRASILEIRA DOS SINAIS E DA LÍNGUA DOS SINAIS FRANCESA ATRAVÉS DA SUA FORMAÇÃO E DA INFLUENCIA DO SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL DE MILÃO NA EDUCACÃO DOS SURDOS**. Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/080.pdf>. Acesso em: 08 set. 2017.

BÍBLIA BILINGUE. **Outras leis.** Good News Translation (GNT), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). São Paulo: SBB, 2015.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil**.** Brasília, DF, 2002.

CAMPOS, R. S. **SURDEZ: O DESAFIO SOCIOEDUCACIONAL EM SEU PERCURSO HISTÓRICO**. Brasília: UnB, 2011.

CARVALHO, P. V. de. **O Abade de L'Epée no Século XXI**. Coimbra: ESEC, 2012. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=307>. Acesso em: 08 set. 2017.

COSTA, J. C. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

DILLI, K. S. **A INCLUSÃO DO SURDO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.** Florianópolis: UFSC, 2010.

DINIZ, H. G. **A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais.** Florianópolis: UFSC, 2010.

FERNANDES, S. **EDUCAÇÃO DE SURDOS.** IBPEX. Curitiba, 2011.

FERREIRA, A. L. et al. **Aprendendo Libras: módulo 2**. Natal: EDUFRN, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. **Educação Especial Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1997.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

GOLDFELD, M. **A CRIANÇA SURDA, LINGUAGEM E COGNIÇÃO NUMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA**. São Paulo: Plexus, 2002.

KALATAI, P. **AS PRINCIPAIS METODOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL.** Dissertação (Mestrado) Irati: Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2012.

KANTHACK, G. S. **Sintaxe da Língua Portuguesa**. Ilhéus: Editus, 2011.

LEBEDEFD, T. B.; ROSA, F. S.; BORDA, A.; AROSTEGUY, J. **PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LIBRAS A DISTANCIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE DESAFIOS E SUPERAÇÕES DIDÁTICAS DE SESIGN**. Pelotas – RS, 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/PRODU%C3%87%C3%83O-DE-MATERIAL-DID%C3%81TICO-PARA-O-ENSINO-DE-LIBRAS-A-DIST%C3%82NCIA-UMA-DISCUSS%C3%83O-SOBRE-DESAFIOS-E-SUPERA%C3%87%C3%95ES-DID%C3%81TICAS-E-DE-DESIGN.pdf>. Acesso em 08 set. 2017.

LIMA, E. S.; CRUZ, R. T. **ALGUNS ASPECTOS SEMÂNTICOS DA LIBRAS: UM ESTUDO DO LÉXICO DE SEUS SINAIS EM SUAS RELAÇÕES DE SINONÍMIA, ANTONÍMIA, HOMONÍMIAS, HOMÓGRAFAS E POLISSEMIA**. João Pessoa: ALFAL, 2014.

MAEDA, L. **O IMPACTO DA DISCIPLINA DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ**. (Monografia) Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. C. **Morfologia do Português**. Florianópolis: UFSC, 2011.

MARTA, E. **A relação entre significado e significante**. Lisboa, 2005. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-relacao-entre-significado-e-significante/16329>. Acesso em: 18 jan. 2018.

Mateus, M. H. M. **A Face Exposta da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 2001.Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-lportuguesa.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

OLIVEIRA, L. N. S.; SILVA, G. O. **LIBRAS**. Natal: IFRN, 2014.

PALMA, N. de O. **LIBRAS: INSTRUMENTO DE INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO SURDO.** (Monografia) São Joaquim: Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa Extensão e Pós-Graduação, 2012.

PEREIRA, K. S. **Os desafios do letrado diante da avaliação da escrita do aluno surdo**. (Monografia) Itaituba: FAI, 2016.

QUADROS, R. M de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; RESENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2008.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; RESENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: UFSC, 2009.

RENNER, G. **Semântica e pragmática em Libras**. São Francisco, 2016. Disponível em: <https://prezi.com/srkdbiphghnb/semantica-e-pragmatica-em-libras/>. Acesso em: 18 jan. 1018.

ROCHA, S. M. **História do INES**. Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://jornaldosurdo.comunidades.net/fundacao-do-ines>. Acesso em 10 set. 2017.

SANCHES, S. M. L. **UM HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.** Curitiba: Faculdade de Educação São Braz 2016.

SHINTAKU, M. **A Pesquisa sobre a Libras no Brasil.** Brasília: IBCT, 2014. Disponível em: <http://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/418/746.pdf> Acesso em: 02 set. 2017

SILVA, M. C. F. **Morfologia**. Florianópolis: UFSC, 2009.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** São Paulo: Educação e Pesquisa, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf> Acesso em: 22 dez. 2017.

VAGULA, E.; VEDOATO, S. C. M. **Educação inclusiva e língua brasileira de sinais**. Londrina: UNOPAR, 2014.

VAZ, V. M. **O Uso da Tecnologia na Educação do Surdo na Escola Regular**. (Monografia) São Paulo: Faculdade de Tecnologia de São Paulo, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VILHALVA, S. **PEDAGOGIA SURDA**. Petrópolis: Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Projeto

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAITUBA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA EMANUEL NUNES

JOSÉ ROMILSON SILVA NUNES

LIBRAS um projeto para escolas do ensino fundamental

Itaituba- PA

2017

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 03
2 PROBLEMATIZAÇÃO 05
3 JUSTIFICATIVA 06
4 OBJETIVOS 07
4.1 OBJETIVO GERAL 07
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 07
5 REFERENCIAL TEÓRICO 08
6 METODOLOGIA 11
7 CRONOGRAMA 12
7.1 CRONOGRAMA DE ELABORAÇÃO DO PROJETO 12
7.2 CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DO PROJETO 12
8 RECURSOS NECESSÁRIOS 13
8.1 MATERIAL DE CONSUMO..... 13
8.2 MATERIAL PERMANENTE..... 13
8.3 RECURSOS HUMANOS..... 13
9 RESULTADOS ESPERADOS 14
10 REFERÊNCIAS 15

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em LIBRAS surgem varias indagações e dúvidas da sociedade Uma das grandes problemáticas é a ignorância, isto é, o desconhecimento da LIBRAS como língua. Boa parte da população ainda tem em mente que a LIBRAS é apenas um amontoado de gestos e de mímicas, que a mesma não tem uma estrutura gramatical que a torna uma língua tão complexa quanto às línguas orais, ainda pensa-se que a Libras são simples gestos de pantomima que os surdos fazem entre si para tentarem transmitir alguma ideia. É possível notar por parte de alguns que ainda existe o preconceito por parte de muitos indivíduos em relação ao Surdo e sua linguagem natural, isto é, a Língua Brasileira de Sinais. Ainda pensa-se por parte de muitos que o sujeito Surdo tem uma capacidade intelectual menor que os demais. Dentro desse aspecto podem-se citar também os “apelidos” preconceituoso dados aos Surdos, que muitas vezes não paramos para refletir que tais nomenclaturas são simplesmente formas preconceituosas de lidar com os mesmos.

O presente trabalho tem o intuito de avultar a respeito da história da educação do surdo tanto mundialmente quanto em relação ao Brasil, e com isso buscar medidas de se minimizar a problemática, o trabalho é justificável, pois trata de um projeto prático para o ensino de LIBRAS nas escolas com o intuito de capacitar o aluno ouvinte a aprender aspectos básicos assim como a comunicação através da Libras. Sabe-se que a partir do momento que a comunidade escolar encontrar-se capacitada a comunicar-se com o aluno Surdo através da língua de sinais, estaremos subindo vários degraus no que se refere à inclusão e a excelência da educação.

O projeto tem o objetivo primordial de preparar a comunidade escolar para receber o aluno Surdo de maneira que o mesmo se sinta acolhido e que não haja barreiras quanto à relação interpessoal do mesmo com os demais alunos e comunidade escolar de maneira geral.

Inicialmente será elaborada toda a fundamentação teórica levando em consideração autores que falam a respeito da história dos surdos e sua educação dos diversos momentos da história, em sequência buscar-se-á autores que tratam sobre as metodologias usadas pelas escolas com o intuito de educar o aluno Surdo.

Após toda a fundamentação está elaborada será feito um questionário com a comunidade escolar escolhida para que fique clara todas as dificuldades e limitações em relação à inserção do aluno Surdo, para que em seguida seja elaborado um projeto de ensino da LIBRAS disponibilizando tal ensino para que primeiramente os alunos reconheçam a língua de sinais como uma língua tão estruturada quanto as demais línguas para que o aluno ouvinte reconheça que o aluno Surdo tem a mesma capacidade intelectual que os demais, isto é, que os mesmos se diferem simplesmente pela língua, e para que os alunos se capacitem a se comunicar com os alunos Surdos através dos sinais. Por fim será feito outro questionário com o intuito de analisar a mudança do pensamento antes do projeto e depois do projeto.

Os questionários servirão apenas para orientar a aplicação da pesquisa-ação e analisar os resultados.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Apesar de ser necessário que a sociedade se adapte ao aluno com deficiência, em relação ao ensino, sabe-se que as escolas têm muito a aprimorarem-se em relação à recepção e a inclusão do aluno Surdo no ensino público. Percebe-se muitas vezes que o aluno Surdo é inserido no ensino regular sem que haja uma capacitação da comunidade escolar em receber tal aluno, e com isso não há uma interação entre aluno Surdo e comunidade escola, ou seja, estamos vivenciando uma falsa inclusão, em que a comunidade escolar encontra-se sem preparo ideal para receber o aluno Surdo. Para isso o tema deste projeto tem como fonte de estudo a Libras e sua importância no ensino regular para a inclusão do aluno Surdo

Sabe-se que o ensino da Libras no Brasil é recente, e ainda há o desconhecimento por parte de muitos, por outro lado há até os que tem preconceito, pois acham que o aluno Surdo tem menor capacidade intelectual que os demais alunos, tal problema faz com que a educação seja comprometida, pois no âmbito escolar, sendo um local em que deve haver o exercício da inclusão, tem ocorrido preconceito devido o desconhecimento de boa parte dos alunos e pela comunidade escolar em relação a língua de Sinais. Ao se quebrar tal preconceito é importante que a comunidade escolar esteja preparada disponibilizando a educação para todos independente da língua que o aluno fala, e sabe-se que a Libras é uma língua tão estruturada quanto as demais línguas orais e de sinais, além disso, a LIBRAS é a língua de sinais oficial do Brasil.

Outro grande obstáculo para que haja realmente a inclusão é a falta de programas, cursos palestras entre outros eventos que quebrem preconceito e ao mesmo tempo capacitem a comunidade escolar a interagir com o aluno Surdo, desenvolvendo a relação interpessoal assim como o compartilhar do conhecimento e assim promovendo a educação. Sabe-se que o problema da inserção da Libras no ensino regular tem gerado grandes outros problemas, como por exemplo, o despreparo dos alunos Surdos que ao chegarem nos últimos anos do ensino fundamental encontra-se muitas vezes totalmente despreparados a ingressarem no ensino médio, e uma grande parte deles não chegam ao ensino superior.

3 JUSTIFICATIVA

A Língua Brasileira de Sinais é a língua natural dos Surdos, pois os mesmos comunicam-se através de sinais visuais feitos com as mãos, assim como expressões faciais e corporais. Essa Língua é tão complexa quanto qualquer outra língua, seja ela visual ou oral, porém a mesma é percebida por um sentido diferente, isto é, a visão. É importante ressaltar que os Surdos tem a Mesma capacidade intelectual que os ouvintes, e pensando nisso surgiram leis que promovem a inclusão dos alunos Surdos no ensino regular.

Este projeto é justificável, pois ao incluir-se um aluno Surdo no ensino regular surgem varias barreiras, tais obstáculos podem ser ultrapassados através de ideias diversas que serão tratadas neste projeto, e além de propor ideologias de mudança o mesmo vem a esclarecer dúvidas por parte dos profissionais da educação, assim como dos demais alunos ouvintes. É importante ressaltar que a intenção deste projeto é mostrar que o aluno Surdo tem capacidade de aprender, interagir e se comunicar com os demais alunos e para que tal objetivo seja alcançado é importante que a escola esteja preparada em termos de capacitação da comunidade escolar de maneira geral.

Percebe-se que são poucos os profissionais da educação que tem conhecimento na área da Libras, e com isso é importante que se tome providencias para resolver tais dificuldades, sendo assim, este projeto tem como alvo a apresentação, de um curso prático dentro da área da Libras e Inclusão, com a aplicação do presente projeto, serão esclarecidas dúvidas sobre a inclusão do aluno Surdo e ao mesmo tempo trará um curso prático par incentivar a interação entre os ouvintes e os alunos Surdos, só então falar-se-á de inclusão real e não apenas em um amontoado de indivíduos que não conseguem interagir entre si.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Levar os alunos, professores e demais servidores a refletirem sobre a real inclusão e ao mesmo tempo incentiva-los a buscarem mais conhecimento na área da Língua Brasileira de Sinais para melhorar a comunicação entre a comunidade escolar e o aluno Surdo, disponibilizando um curso prático de LIBRAS.

4.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Levar os participantes a...

- Conhecerem a história da LIBRAS.
- Entenderem o que é inclusão e quais as leis que a garantem.
- Aprenderem expressões diversas da LIBRAS.
- Interessarem-se em aprender uma língua visual e natural do nosso país.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a Lei de diretrizes e Bases da educação (LDB), no seu artigo 58, a educação escolar deve situar-se na rede regular de ensino e determina a existência, quando necessário, de serviços de apoio especializado, ou seja, a partir do momento que o aluno necessitar de cuidados especiais para ter uma melhor interação e troca de conhecimentos, é assegurado por lei um serviço que auxilie esse aluno; para se exemplificar pode-se citar o caso da comunidade Surda que tem a mesma capacidade intelectual que os ouvintes, porém necessitam de um interprete para interagirem com o professor e os demais alunos.

Pensando nisso as leis se voltaram para a inclusão do aluno deficiente no ensino regular, mas o que se percebe é que, ao invés do aluno Surdo interagir com o professor e com os demais alunos, o mesmo interage apenas com o interprete, que, por sua vez, traduz a Libras para o Português e vice-versa. Pensando nessa problemática é necessário que se crie novas perspectivas em relação à inclusão, pois conforme Frias e Menezes (2008), “O movimento de inclusão trás como premissa básica, propiciar a educação para todos, uma vez que, o direito do aluno com necessidades educacionais especiais e de todos os cidadãos à educação é um direito constitucional”.

É importante destacar o avanço da temática “inclusão na escola” porém ainda há muito que melhorar, pois ainda são inúmeros os descasos e preconceitos, ainda é notável o despreparo de muitas comunidades escolares em receber alunos com necessidades especiais e atende-los de forma satisfatória. Frias e Menezes (2008) continuam sua linha de raciocínio afirmando que:

> A realidade desse processo inclusivo ainda é bem diferente do que se propõe na legislação e requer ainda muitas discussões relativas ao tema. O que podemos perceber é que numa comparação entre a legislação e a realidade educacional, a inclusão dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais no ensino regular não se consolidou da forma desejada.

A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nas escolas pode se dar de varias maneiras, existe a inclusão em que a instituição necessitará mudar sua estrutura física para facilitar o acesso do aluno, como é o caso dos cadeirantes, em outras situações é necessário que haja um corpo docente

capacitado, interpretes e auxiliadores, como é o caso dos Surdos e dos deficientes visuais, porém para poder auxiliar o aluno com necessidades especiais é de suma importância que o profissional seja capacitado a lidar com o aluno, isto é, conhecendo sua maneira de se comunicar, e com isso percebe-se que o processo de inclusão não é tão simples, são necessários muitos estudos em relação ao tema e muitas mudanças, sempre visando uma melhor inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais de maneira que o mesmo tenha as mesmas possibilidades de interação que os demais alunos.

Segundo Victor, Drago e Chicon (2010),

> Nas ultimas décadas uma nova imagem tem tomado conta do espaço educativo. Tal como a Jardinagem, também a inclusão pode ser vista por ângulos distintos. Não estamos perante uma imagem doce, clemente, suave. Incluir é um gesto árduo e trabalhoso e um processo difícil para quem inclui e para quem é incluído.

Em relação ao Surdo, a Libras sendo inserida nas escolas regulares não apenas para os alunos Surdos, mas para a comunidade escolar de maneira geral, é uma maneira de se incluir os alunos que a tem como língua natural, e ao mesmo tempo proporcionar uma interação entre os ouvintes e os alunos não ouvintes, só então poder-se-ia falar sobre a inclusão real do aluno surdo no ensino regular respeitando a sua língua natural. Conforme Manton citado por Frias e Menezes (2008),

> [...] a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é um movimento que tem sido muito polemizado por diferentes segmentos, mas essa inserção nada mais é do que garantir o direito constitucional que todos, independente de suas necessidades, tenham uma educação de qualidade.

Sabe-se que a partir do momento que a sociedade em geral buscar capacitar-se para obter uma inclusão de qualidade em todos os aspectos, poderemos afirmar que estamos em conformidade com os direitos constitucionais, isto é, dentro das normas redigidas pela constituição federal de 1988 que regem nosso país.

Em relação a LIBRAS como língua tão estruturada quanto às línguas orais pode-se dizer que a mesma tem toda uma estrutura gramatical, isto é, a mesma é genuinamente uma língua capaz de enviar e receber informações, capaz de ser

usada para a relação interpessoal e principalmente para identificar toda uma cultura, isto é, a cultura da comunidade Surda.

Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009):

> Apesar de ainda haver muito desconhecimento em relação às línguas sinalizadas, os sinais não são gestos holísticos, ou seja, não formam um todo indivisível. Quem primeiro percebeu os parâmetros internos dos sinais foi STOKOE em 1960. Os sinais são analisáveis como uma combinação de três categorias linguísticas sem significado: configuração de mão, locação e movimento. Ou seja, se mudarmos alguma característica de qualquer uma destas categorias, podemos mudar o significado de um sinal.

Com isso percebe-se que a Língua de Sinais não é apenas um amontoado de gestos e mímicas formado por uma pessoa que não consegue se expressar oralmente, nota-se que há uma estrutura a ser obedecida e que dependendo da mudança da ordem dos sinais há uma mudança no sentido do que se deseja expressar, isto é, na mensagem enviada do emissor ao receptor.

Sabe-se que a Libras é a língua natural do Surdo, ou seja, o mesmo necessita da mesma para comunicar-se nos mais diversos âmbitos no qual está inserido, porém sabe-se que ainda há uma grande problemática, pois o mesmo não é compreendido por boa parte da sociedade que por sua vez tem um pensamento preconceituoso em relação ao Surdo, isto é, pensando que ele tem uma capacidade intelectual comprometida, com isso boa parte da sociedade julga a Libras apenas como mímicas de um grupo social que não tem capacidade de adaptar-se a língua oral, tal preconceito precisa ser quebrado. E para que tal preconceito seja quebrado é importante que as instituições de ensino desmitifiquem muitas ideologias errôneas por parte da sociedade em relação à comunidade Surda e que acima de tudo o aluno ouvinte seja educado a respeitar a língua do sujeito Surdo e que o mesmo se adapte a mesma para o exercício da inclusão.

6 METODOLOGIA

O projeto, além de pesquisas tem como proposito a aplicação de um curso de LIBRAS que terá inicio com a história da educação dos Surdos desde os primórdios, isto é, como os mesmos eram vistos pela sociedade e quando se iniciou realmente a educação dos Surdos, será falado sobre a história da Libras, desde o surgimento até os dias atuais, levando em consideração todo o processo pelo qual a Libras passou para se tornar uma língua tão complexa quanto as demais línguas orais, também será passado vários sinais da LIBRAS para capacitar os participantes a comunicarem-se através da mesma, a abordagem do projeto visará a melhor maneira de se apresentar a língua de sinais de maneira que todos os participantes consigam obter informações e conhecimento acerca da Libras.

O projeto “LIBRAS um projeto para escolas do ensino fundamental” será aplicado na Escola Emanuel Nunes, situada na comunidade Agrovila Nova Esperança a dezoito quilômetros do município do Trairão, porém a comunidade pertence à cidade de Itaituba. A escola tem como series as seguintes: Jardim I e II, Primeiro Ano, Segundo Ano, Terceiro Ano e Quarto Ano pela parte da manhã, e Maternal, Quinto ano, Sexto Ano, Sétimo Ano, Oitavo Ano e Nono Ano pela parte da tarde, e à noite há o EJA personalizado.

Durante a aplicação do projeto serão colhidas varias informações acerca do projeto e dos seus participantes para a elaboração de um estudo baseado na referida pesquisa ação, ou seja, serão feitos alguns questionários no qual os participantes do presente projeto responderão algumas questões importantes para a construção do relatório com o intuito de medir a compreensão dos participantes a respeito do tema antes e depois da aplicação do curso com o objetivo de analisar a importância do projeto para a comunidade escolar.

7 CRONOGRAMA

7.1 CRONOGRAMA DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

ATIVIDADES	10/07	17/07	24/07	31/07	01/08	02/08	03/08	04/08	05/08
Pesquisas	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sumário	X								
Justificativa		X							
Problemática			X						
Objetivos				X	X				
Referencial			X	X	X				
Metodologia						X	X		
Reelaboração do projeto								X	X

7.2 CRONOGRAMA DE APLICAÇÃO DO PROJETO

Atividades	01/09	04/09	06/09	08/09	11/09	13/09	15/09	18/09	20/09	22/09	25/09	27/09	29/09
Histórico LIBRAS	X	X											
Datilologia		X											
Inclusão			X										
Sinais 1[1]		X	X	X									
Sinais 2[2]					X	X	X						
Sinais 3[3]								X	X	X			
Sinais 4[4]											X	X	X

[1] Refere-se ao primeiro grupo de sinais da LIBRAS a ser apresentado aos alunos e demais participantes. [2] Segundo grupo de sinais que serão apresentados. [3] Terceiro grupo de sinais. [4] Quarto grupo.

8 RECURSOS NECESSARIOS

8.1 MATERIAL DE CONSUMO

Tipo	**Quantidade**
Papel A4	01 resma
Pincel de Quadro	02 unidades
Apostila	30 unidades

8.2 MATERIAL PERMANENTE

- Sala de Aula
- Datashow
- Quadro Branco
- Notebook
- Máquina fotográfica

8.3 RECURSOS HUMANOS

Denominação/ Qualificação	**Quantidade**
Professor instrutor	01
Alunos	32
Professores Participantes-ouvintes	02
Outros funcionários	02
Comunitários	06

9 RESULTADOS ESPERADOS

Ao aplicar-se o projeto espera-se que inicialmente os participantes compreendam o processo de inclusão e a necessidade de a comunidade escolar buscar preparação para receber o aluno Surdo, é esperado também que se quebre vários preconceitos em relação à inserção do aluno Surdo no ensino regular. Após aplicação teórica sobre a história da educação dos Surdos e sobre o Surgimento da Libras no Brasil será passado vários sinais da Libras e espera-se que todos os participantes possam compreender os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, e que os mesmos consigam aprender varias expressões as quais os mesmos poderão usar quando for necessário.

Victor, Drago e Chicon (2010) falam sobre o árduo processo da inclusão, mas se toda a comunidade escolar procurar adaptar-se é possível afirmar que a inclusão do aluno Surdo se dará de uma maneira mais ampla, isto é, uma inclusão de qualidade na qual o aluno Surdo interagirá com todos os membros da comunidade escolar e vice-versa.

É de suma importância frisar que o projeto proposto tem o intuito de difundir a Libras de maneira que a sociedade de maneira geral saiba que a Língua Brasileira de Sinais é também uma língua oficial e natural do Brasil, sabendo disso é importante que a sociedade compreenda e tenha a capacidade de adaptar-se inserindo sinais de Libras no seu acervo lexical para o exercício da inclusão.

Com a aplicação deste projeto espera-se que a comunidade escolar compreenda, aprenda e continue buscando cada vez mais conhecimento e futuramente os mesmos poderão auxiliar alguém no aprendizado da Língua de Sinais.

É esperado também que os alunos vejam a Libras com “bons olhos”, isto é, que os mesmo entendam o processo de ensino-aprendizagem da mesma e a importância fundamental do professor bilíngue e do interprete, pois se sabe que os mesmos estão em processo de capacitação e desenvolvimento, podendo optar pela profissão de professor ou interprete de Libras.

É importante também que os alunos finalizem o projeto com expectativas positivas em relação à inclusão, não apenas do aluno Surdo, mas também de todos os alunos com necessidades educacionais especiais. E que, acima de tudo, o preconceito por parte da falta de conhecimento seja superado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.349, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Dispõe sobre a Educação Especial.** Diário Oficial da República Federativa do Brasil**.** Brasília, DF, 1996

FRIAS, Elzabel Maria; MENEZES, Maria Christine Berbusco. **Inclusão do Aluno com necessidades Educacionais Especiais**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2008.

LIMA, Lisvânia da Silva. **A Alfabetização e Letramento de Alunos Surdos com Professores Bilíngues: Uma proposta de intervenção para professores e alunos**. (Monografia) Itaituba: FAI, 2013.

OLIVEIRA, Eliane Lemos de. **O ENSINO DE LIBRAS NAS SÉRIES INICIAIS: uma necessidade na Escola São Francisco das Chagas no município de Itaituba.** Itaituba: FAI, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2009.

VICTOR, S. L; DRAGO, R; CHICON, J. F. **A Educação Inclusiva de Crianças, Adolescentes, Jovens e Adultos.** Vitória, ES: EDUFES, 2013.

NUNES, José Romilson Silva

LIBRAS: um projeto para o ensino fundamental de nove anos. Itaituba - Pará / José Romilson Silva Nunes. Itaituba: FAI, 2018.

75 f: il

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2018.

1. LIBRAS 2. Projeto. I. Paes, Maria Danielle Lobato. II Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR- PA, 2018.